

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Matheus da Silva Martins

**ESPIRITUALIDADE, EDUCAÇÃO E JUVENTUDES: UMA EMERGÊNCIA
SIMBÓLICA A PARTIR DOS SONHOS E DA ARGILA**

Santa Cruz do Sul

2021

Matheus da Silva Martins

**ESPIRITUALIDADE, EDUCAÇÃO E JUVENTUDES: UMA EMERGÊNCIA
SIMBÓLICA A PARTIR DOS SONHOS E DA ARGILA**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Orientadora: Dr^a. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Martins, Matheus da Silva

Espiritualidade, Educação e Juventudes : uma emergência simbólica a partir dos sonhos e da argila / Matheus da Silva Martins. – 2021.

83 f. ; 28 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes.

1. Espiritualidade. 2. Educação. 3. Sonhos. 4. Juventudes. 5. Trabalho com argila. I. Menezes, Ana Luisa Teixeira de . II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Matheus da Silva Martins

**ESPIRITUALIDADE, EDUCAÇÃO E JUVENTUDES: UMA EMERGÊNCIA
SIMBÓLICA A PARTIR DOS SONHOS E DA ARGILA**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes
Professora Orientadora (UNISC)

Dr. Luiz Síveres
Professor Examinadora (UCB)

Dr. Eduardo Steindorf Saraiva
Professor Examinador (UNISC)

Dra. Sandra Regina Simonis Richter
Banca Examinadora (UNISC)

Ma. Patricia Espíndola De Lima Teixeira
Banca Examinadora (PUCRS)

Santa Cruz do Sul
2021

*Dedico este trabalho à minha mãe Mariza e
irmã Daniele, que estiveram sempre comigo,
e à Família Marista.*

AGRADECIMENTO

Agradeço pela vida que pulsa em minhas veias, pela oportunidade de viver a cada instante, pelas experiências que foram acontecendo no decorrer da pesquisa e me constituindo como pessoa.

Agradeço a minha família, minha mãe Mariza e irmã Daniele que sempre estiveram comigo nos momentos alegres e nas dificuldades. À Família Marista, de modo especial aos irmãos que apostaram neste desafio e acreditaram no meu potencial para trilhar este caminho.

Agradeço a professora Nize Maria Campos Pellanda que com seu empenho e dedicação ajudou-me com suas palavras e seu testemunho de vida dedicados a pesquisa, aos afetos e a complexidade.

Agradeço de maneira muito especial a professora Ana Luisa que me acolheu como seu orientando com sensibilidade, paciência e partilhas de conhecimentos e acompanhou o meu processo de pesquisa. Obrigado por se fazer presente nesta caminhada. As vossas orientações foram de suma importância.

Agradeço ao Grupo GAIA e ao Peabiru, que me acolheram e me deram a oportunidade de conhecer mais sobre conceitos importantes da complexidade, sonhos e espiritualidade.

Gratidão ao grupo de jovens UNIFEPVA.COM, à assessora Claudia Raquel Büttenbender, ao animador Lucas Fleck e aos jovens participantes, pela disponibilidade e acolhida da proposta de trabalho. Sou profundamente grato!

Enfim, gratidão à vida e à espiritualidade que habitam o meu ser!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a espiritualidade como uma experiência na vida dos jovens. Também pretendeu tecer um caminho metodológico qualitativo com uma abordagem compreensiva, simbólica e fenomenológica. Assim, a partir dessa abordagem, realizou-se uma ação prática junto a um grupo de jovens, denominada “Tendas da espiritualidade”. A ação consistiu em encontros *online* pela plataforma *Microsoft Teams*, em formato de oficina, com jovens entre 18 e 25 anos, oriundos do grupo *Unidos pela felicidade partilhando valores amor e compromisso*, da Pastoral Juvenil Marista de um colégio de Novo Hamburgo. O tema, nos encontros, foi instigado a partir de textos, conversas, trabalhos com argila e desenhos. O referencial teórico constitui-se pela obra de pensadores como Carl Gustav Jung, Leonardo Boff, Tolentino Mendonça, Marie Louise Von Franz e Rudolf Otto, entre outros. Os resultados obtidos consistem no que se refletiu, a partir dos encontros, acerca de temas tais como: a dimensão onírica, as partilhas de vida e a percepção do quão importante é conversar sobre a espiritualidade. A proposta final foi a criação de uma obra em argila pelos participantes. A realização dessa pesquisa justifica-se pela necessidade de adentrar nos campos da espiritualidade, da educação e das juventudes com o intuito de mergulhar nas vivências e compreensões que os jovens têm a respeito da espiritualidade.

Palavras-chaves: espiritualidade; educação; sonhos; juventudes; trabalho com argila.

ABSTRACT

The present research had the general objective of understanding spirituality as an experience in the lives of young people. It also intended to weave a qualitative methodological path with a comprehensive, symbolic, and phenomenological approach. Thus, based on this approach, a practical action was carried out with a group of young people, called "Tents of Spirituality". The action consisted of online meetings through the Microsoft Teams platform, in workshop format, with young people between 18 and 25 years old, from the group United for Happiness, sharing values, love and commitment, from the Marist Youth Ministry of a school in Novo Hamburgo. The theme, during the meetings, was instigated through texts, conversations, clay works, and drawings. The theoretical referential is constituted by the work of thinkers such as Carl Gustav Jung, Leonardo Boff, Tolentino Mendonça, Marie Louise Von Franz and Rudolf Otto, among others. The results obtained consist of what was reflected, from the meetings, about themes such as: the oneiric dimension, the sharing of life, and the perception of how important it is to talk about spirituality. The final proposal was the creation of a clay piece by the participants. This research is justified by the need to enter the fields of spirituality, education, and youth with the purpose of delving into the experiences and understandings that young people have about spirituality.

Keywords: spirituality; dreams; youth; working with clay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Espiritualidade e conexão	36
Imagem 2: Chuva de ideias	52
Imagem 3: A sombra	54
Imagem 4: A sombra	54
Imagem 5: A serpente	59
Imagem 6: A serpente	59
Imagem 7: A velha	61
Imagem 8: Laços	62
Imagem 9: Família	63
Imagem 10: A esperança	64
Imagem 11: Futuros desejos	65
Imagem 12: Símbolos complexos	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: UM CONVITE PARA CAMINHAR	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.1	Educação	16
2.1.1	Educação Marista	17
2.1.2	Pastoral Juvenil Marista	18
2.2	Juventudes	20
2.3	Espiritualidade	25
2.3.1	Espiritualidade Marista	33
2.4	Ego e Si-Mesmo	38
2.4.1	Individuação	42
2.5	A Emergência da Espiritualidade a partir dos Sonhos	47
2.5.1	Sonhos: Imagens e Símbolos da Espiritualidade	51
2.5.2	Argila e Sonhos: Imagens Simbólicas da Espiritualidade	59
3	METODOLOGIA	68
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO: UM CONVITE PARA CAMINHAR

Convido-vos, caros leitores a trilharem um caminho de reflexão e conhecimento sobre a espiritualidade e o sagrado. Que no decorrer do caminho possamos construir a nossa tenda da vida. Como refletem Menezes e Síveres,

O caminho é um percurso que acompanha a história da humanidade. Assim, o caminho pode ser percorrido por meio de roteiros geográficos, de períodos históricos ou de processos existenciais. O caminho pode ser feito de forma individual, de maneira dialogal ou como um itinerário social (MENEZES; SÍVERES, 2013, p. 272).

Eu me chamo Matheus da Silva Martins, sou natural de Santa Maria, RS. Tenho 31 anos, sou religioso consagrado e faço parte de uma família religiosa, a Família Marista; ou o Instituto dos Irmãos Maristas. Dentro dessa instituição, sou Irmão Marista.

Os Irmãos Maristas são religiosos consagrados a Deus, vivem a sua vida através do seguimento de Jesus Cristo. O Instituto Marista foi fundado no século XIX, no ano de 1817, por Marcelino Champagnat, que deu início a uma árdua missão de colaborar para a construção de um mundo mais fraterno, através de uma educação evangelizadora.

Na minha infância, tive a oportunidade de estudar numa Escola Marista, em Santa Maria, a Escola Marista Santa Marta. Foi neste espaço que vivenciei o primeiro contato com os Irmãos Maristas. A partir deste contato, senti um chamado para conhecer mais sobre a vida Marista. Desde jovem participei de grupos de institucionais, primeiro como participante, depois animador e por fim, assessor de determinados grupos de jovens. A nomenclatura de animador refere-se a um serviço que o jovem presta ao grupo, ou seja, ele ajuda a animar e dinamizar os encontros, num processo de acompanhamento. Já o serviço de assessoria é realizado por uma pessoa adulta que acompanha de maneira mais sistemática e processual a vivência de um determinado grupo.

Com 15 anos, iniciei a trajetória vocacional, buscando conhecer a vida marista para assim, avaliar se esse caminho era realmente o que eu desejava. Não foram momentos fáceis, no entanto foram importantes para constituir o que eu sou hoje.

Iniciei a vida acadêmica em Santa Maria, na Universidade Franciscana (Unifra, atual UFN), onde cursei Licenciatura em Filosofia. Passado o primeiro ano, mudei de

universidade e comecei a cursar Filosofia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), onde tive a oportunidade de terminar o curso.

Iniciei o Mestrado no ano de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisc, faço parte da linha de pesquisa “Aprendizagem, Tecnologia e Linguagem na Educação (ATLE)”, participei do grupo de pesquisa GAIA e, atualmente faço parte do Grupo de Pesquisa Peabiru.

A palavra Peabiru tem origem Tupi-Guarani e significa “o caminho do sol”. A palavra Peabiru foi utilizada para este grupo para representar os trajetos que conectam pesquisadores e pesquisadoras da América do Sul num constante caminhar, estabelecendo ligações com temáticas como a educação ameríndia e a interculturalidade, bem como suas afinidades éticas, sensíveis e teórico-metodológicas.

O grupo *Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade* surgiu de ações de pesquisas, extensão e ensino realizadas desde o início dos anos 2000, envolvendo pesquisadoras e pesquisadores em torno do tema de interesse.

A investigação aqui apresentada é de cunho educativo e tem como base teórica uma perspectiva sensível, que acredita num processo de educação para uma abertura sensível ao encontro: “No pesquisar em educação dizemos do mundo, das sociedades, das práticas culturais. Observamos e descrevemos e dizemos o mundo, a nós mesmos, os modos de existir, as interações do social” (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 36).

A pesquisa é uma criação. Neste processo de criação, a pesquisa é uma ação que provoca nos seres um movimento de criação de imagens e de conhecimentos. Ser criativo é uma habilidade e uma competência do pesquisador, pois exige deste uma ação criadora, e ao mesmo tempo, um olhar sensível para si e para a realidade e ou meio que o circunda. Desta maneira, a pesquisa em educação constitui-se de processos de sensibilidade e criação (PIMENTEL, 2016). Nas palavras de Pimentel,

Sensibilidade e criação constituem, respectivamente, fluxo gerador e operação seminal através dos quais os pesquisadores em educação, produzem conhecimento ao mesmo tempo em que produzem relações de alteridade. [...] A pesquisa em educação é um processo atravessado por dinâmicas invisíveis de aproximações e distanciamentos entre as pessoas (PIMENTEL, 2016, p. 7-8).

As experiências educativas produzem nos seres humanos um movimento de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, um conhecimento acerca do mundo, das experiências de vida. Por isso, o movimento de pesquisa em educação é também uma forma de conhecer o ser humano, pois este está imbricado no processo educativo. O ser humano é um ser educativo. A educação é um exercício humano do pensar. Em outras palavras, “Pensar é um feito de existir e todo feito de existir provoca insegurança e simultaneamente remete à abertura de caminhos. Abrir caminhos é também uma forma percorrê-los” (PIMENTEL, 2016, p, 11).

O ato de pesquisar em educação exige diversas atitudes fundamentais do pesquisador, a principal delas é a da presença. A atitude de estar presente no ato de pesquisar implica numa ação e interação sensíveis para com o seu público ou sujeitos da pesquisa. Portanto, é sim, uma atitude fundamental, de estar no mundo, ou estar sendo. A pesquisa em educação exige também um olhar metodológico diferenciado da metodologia clássica. Este olhar metodológico é um olhar no mundo e no estar sendo presença (FEITOSA; DORNELES; BERGAMASCHI, 2016). Desta forma, “Pensar sobre a Pesquisa em Educação é pensar sobre os conhecimentos que materializamos através dos nossos estudos, e [...] do olhar do outro sobre mim (FEITOSA; DORNELES; BERGAMASCHI, 2016, p 19).

Essa pesquisa encontra-se no grupo *Peabiru* e consiste na abordagem de uma temática importante que é a questão da espiritualidade e a educação para com as juventudes. Portanto, a temática escolhida mobilizou-me a pensar, a refletir sobre a importância da espiritualidade para a nossa vida, a de cada ser humano, especialmente a das juventudes.

Este assunto é complexo e evoca muitos questionamentos importantes para o ser humano. A partir disso, surgem alguns questionamentos para esta pesquisa: quais tessituras dos jovens com os quais queres trabalhar que se atravessam em seus cotidianos e suas vivências espirituais? Como o espiritual aparece na vida dos jovens? Como perceber a espiritualidade na vida dos jovens? A partir destes questionamentos surgiu a necessidade de desenvolver-se uma pesquisa acerca da espiritualidade, tendo como pressuposto teórico um processo investigativo-qualitativo.

A pesquisa desenvolveu-se através de um olhar complexo acerca da espiritualidade na vida das juventudes: “O novo paradigma pode ser chamado de holístico, de ecológico ou de sistêmico, mas nenhum destes objetivos o caracteriza completamente” (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p.11). Nesse sentido, pretendeu-se entrelaçar os estudos da espiritualidade com os jovens. Com isso, buscou-se marcadores teóricos para uma pesquisa que esteja vinculada com a vida. Portanto, levou-se em conta o processo de viver como um ato inseparável do conhecer e que sempre está vinculado com a vida.

O tema da espiritualidade tem-se tornado cada vez mais frequente, nos espaços de discussão e reflexão acerca da vida humana e, também, nos espaços acadêmicos. Acredito que este fato indica a relevância de tratar sobre a espiritualidade. É importante dizer, também que:

Nas últimas décadas, na passagem para o século XXI, uma quantidade imensa de temas religiosos penetrou na consciência coletiva. Nesse processo, um novo conceito começou a se impor: espiritualidade. Por trás, afloraram as velhas perguntas da humanidade: De onde viemos? Para onde vamos? Qual é o sentido de nossa existência? Quem ou o que nós, humanos, somos neste cosmo? (DORST, 2015, p. 9).

As questões existenciais citadas por Dorst (2015) corroboram a importância da investigação do tema espiritualidade. Sabemos que estas perguntas fazem parte das perguntas da humanidade, pois, desde a filosofia antiga, os primeiros filósofos já tinham em mente estas perguntas. Desta maneira, questões como “quem eu sou?”, “qual o sentido da existência”, que envolvem projetos de vida, abarcam também uma dimensão espiritual, ou seja, de uma espiritualidade. As questões da existência humana e a sua busca de sentido constitui um ponto fundamental no desenvolvimento humano. É nesse sentido da universalidade que uma dimensão espiritual torna-se importante para a investigação,

Espiritualidade é um termo carregado de significados. Etimologicamente esse conceito está ligado ao termo latino “*spiritus*= espírito” e significa “cheio de espírito” ou “inspirado/animado” - como orientação ou práxis intelectual-espiritual (DORST, 2015, p. 12).

A pesquisa sobre a espiritualidade pretende ir além de uma compreensão pautada nas tradições religiosas. Assim, “A espiritualidade abarca as religiões e independe das

tradições, remetendo desse modo, às dimensões profundas da experiência que não são mais perceptíveis em muitas formas de religião” (DORST, 2015, p. 12-13).

Diante disso, escolhi o tema espiritualidade, educação e juventudes pela necessidade de adentrar nestes campos e mergulhar nas vivências e compreensões que os jovens fazem a respeito da espiritualidade e como vivenciam a mesma. Para tanto, desejo fazer um diálogo e uma escuta com os jovens.

Portanto, para dar conta da pesquisa propus oficinas intituladas “Tendas da espiritualidade”. Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo geral compreender a espiritualidade como uma experiência educativa que acontece na vida dos jovens. E como objetivos específicos: a) Trabalhar e investigar a compreensão da espiritualidade na vida dos jovens através das Tendas; b) Aprofundar o sentido da espiritualidade dos jovens a partir das imagens e símbolos, dos sonhos e da argila; c) Compreender a dimensão da espiritualidade a partir das emergências percebidas nos encontros;

A espiritualidade busca conectar as pessoas consigo mesmas e com o próximo, assim proporcionando um movimento de rede e costura de vivência de si. Portanto, esse conceito tem sua relevância porque trata do cuidado e respeito para com o ser humano.

Os participantes da pesquisa foram seis jovens na faixa etária dos 18 aos 25 anos, oriundos dos grupos de jovens da PJM de um colégio Marista de Novo Hamburgo da Rede Marista. É importante ressaltar que na caminhada de um grupo emerge uma diversidade de experiências:

Na caminhada do grupo, à medida que o jovem vai se conscientizando do seu processo de crescimento na fé, é necessário cultivar valores da acolhida e da confiança [...] de modo que seu significado se transforme em atitudes (UMBRASIL, 2008, p. 15).

Desse modo, o grupo é o espaço para potencializar sentimentos e atitudes. É importante mencionar que o processo de pesquisa é um movimento dinâmico e que no decorrer deste movimento muitas coisas acontecem e proporcionam mudanças e ressignificações do nosso ato de pesquisar. Uma das mudanças que aconteceram diz respeito à minha proposta prática.

Com a pandemia de Covid-19 houve uma reformulação da proposta, sendo necessário realizar a produção de dados da pesquisa num formato diferenciado. As

tendas foram o espaço que se encontrou como proposta para a execução da atividade. Conforme Menezes e Síveres (2013, p. 267), “a tenda é o espaço do acolhimento, do reconhecimento e da partilha. A tenda é o tempo da subjetividade, da comunidade e da sociabilidade”.

A criação de espaços de convívio e acolhimento foi proporcionada pela vivência da vida e das reflexões da temática. As tendas foram realizadas através de encontros online com os participantes. Portanto, os encontros das “tendas da espiritualidade” aconteceram de maneira remota, ou seja, em reuniões através da plataforma *Microsoft Teams*. Tivemos quatro encontros nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020. Cada encontro teve a duração de 1 hora e 30 minutos. As tendas foram espaços dedicados à partilha de vida, de experiências e compreensões acerca da espiritualidade e dos temas que emergiram a partir das partilhas.

É um desafio trabalhar a si próprio, exige olhares, sentidos e outras pessoas, grupos que nos ajudam a ser pessoas melhores. Na constituição do nosso eu, temos características semelhantes e diferentes das outras pessoas. E essas diversidades e semelhanças que nos aproximam dos outros. Ou seja, nos propomos a buscar algo em comum, objetivos que nos unam. Menezes e Síveres (2013, p. 267) nos dizem que:

A história da humanidade esteve sempre conectada às tendas. A tenda pode ser uma representação de cabana, de casa, de cidade ou do planeta. Existem tendas móveis e outras fixas. Existem tendas onde se vive a intimidade e outros a exterioridade (MENEZES; SÍVERES, 2013, p.267).

A tenda nos faz lembrar da nossa casa, o espaço do relacionamento consigo mesmo e com os nossos familiares e transmitem-se muitos sentimentos dentro desse espaço. A tenda, como analogia de um espaço sagrado, proporcionou aos jovens uma rememoração, ao relacioná-la com a casa. “A tenda é o processo da diversidade, da comunhão e da cidadania” (SÍVERES; MENEZES, 2012, p. 688). Por exemplo, participantes disseram que na sua casa pode exercitar-se, é uma casa grande e aconchegante e que foi construída no decorrer do tempo, ou seja, em partes. Existe um carinho grande pelo espaço onde se vive.

Justifica-se desta forma, a importância de tratar sobre este tema, pois a nossa vida está sendo vivida e questionada a todo instante.

O ser humano, inserido em uma teia de relações, pode vivenciar uma diversidade de experiências, entre as quais a dimensão da mística compreendida, também, como uma espiritualidade, não vinculada tanto a uma religião, mas como uma manifestação da própria condição humana. (SÍVERES; MENEZES, 2012, p. 685).

Ou seja, estamos nos questionando constantemente, sobre o real sentido de viver e existir e de construir relações e experiências. E com isso, “temas espirituais emergem com frequência quando os padrões costumeiros da vida são rompidos e a vida se torna questionável” (DORST, 2015, p. 25). Ainda, conforme Dorst,

Pesquisadores e cientistas que se ocupam com experiências espirituais como formas e realidade psíquica valem-se de métodos consagrados para investigá-las. Tem-se chegado a resultados impressionantes nas pesquisas sobre a conexão entre espiritualidade e saúde, como, por exemplo, nas áreas da redução do estresse, da expectativa de vida, da redução de doenças cardíacas e circulatórias e do incremento do bem-estar (DORST, 2015, p. 11).

Assim sendo, justifica-se a importância deste tema, pois tratar de espiritualidade é também uma atitude e ação de saúde. E se faz urgente esse pesquisar.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Educação

A educação configura-se como um processo de *devir*, isto é, de transformações e processos complexos que os seres vão fazendo no instante presente do viver. Ou seja, a educação é um processo de devir que dura a vida toda. Conforme Maturana,

O resultado de tal processo é um devir de mudanças estruturais contingente com a sequência de interações do organismo, que dura desde seu início até sua morte como num processo histórico, porque o presente do organismo surge em cada instante como uma transformação do presente do organismo nesse instante (MATURANA, 1998, p. 28-29).

Este devir, ou processo de transformação pessoal não acontece de maneira restrita, isolada do seu meio. A partir disso, a educação é entendida também como um processo de convivência:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca (MATURANA, 1998, p. 29).

Por conseguinte, torna-se evidente que a educação é fundamental para a humanidade. Segundo Bonhemberger e Mentges (2016, p. 16), “a educação sempre foi um tema pertinente à sociedade humana, desde A República de Platão, a Política de Aristóteles, o De Magistério de Santo Agostinho, o Emílio de Rousseau, entre outros”.

A educação, portanto, afeta a vida da pessoa, ou melhor, possibilita experiências que transformam e desenvolvem o ser. Enfim, muitas elucubrações podem ser feitas acerca da temática da educação e, portanto, através dos estudos, parto do pressuposto que a educação busca o pleno desenvolvimento humano:

[...] uma educação voltada à autoformação de um ser humano genuinamente humano, preocupado com o desenvolvimento de suas dimensões constitutivas: corpo, mente, coração e espírito, base sustentadora para a construção de uma Cultura de e para a Paz (PORTAL, 2015, p. 182).

A cultura para a paz é uma das emergências sociais dentro da educação e, assim, traz como característica a perspectiva do encontro. Ainda, potencializa diálogos entre as pessoas, seja no âmbito de discursos acadêmicos, seja em conversas informais. Por isso, devemos buscar em nossos espaços movimentos educativos que proporcionem momentos de humanização:

A educação sempre será um movimento de transcendência que brota da mais profunda essência do ser humano e se mostra apenas como uma ponta de iceberg, mantendo a maior parte de si submersa, sob ar de mistério (BALBINOT, 2018, p. 23).

Busca-se uma proposta educativa que, acima de tudo, acredita nas pessoas e na vida através de uma educação integral. A educação integral, que respeita a vida humana, deve ser o norte de uma mensagem educativa. Essa mensagem de uma educação integral encontramos na educação que promove a vida. Na concepção marista, a “[...] educação é um meio privilegiado de evangelização e promoção humana” (UMBRASIL, 2007, p. 76).

2.1.1 Educação Marista

A educação marista propõe um jeito de conhecer e conceber a educação. Nasceu para proporcionar a transformação na vida das crianças e jovens de sua época.

O Instituto Marista, bem como o dos Irmãos Maristas, foi fundado pelo padre Marcelino Champagnat, que trabalhou arduamente em prol de uma educação para a inteireza e para o amor:

Nosso fundador Marcelino Champagnat, iniciou um trabalho dirigido a crianças, adolescentes e jovens por meio da educação, considerando aspectos relativos às suas identidades e necessidades individuais. Propôs uma pedagogia muito prática, focada na presença, no amor à natureza, na solidariedade e no aprender fazendo (BRAMBILA, 1998, p. 37).

Assim, a proposta da educação Marista nasce através de um movimento pessoal de um jovem que decide, a partir da sua realidade, buscar um novo jeito de educar, na França do século XIX, por volta de 1817. Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789,

no vilarejo de Rosey, no pequeno município de Marlhés, no contexto da Revolução Francesa, o que também influenciou a sua vida e o desejo de mudar a realidade.

Proporcionar uma educação de qualidade para as crianças e jovens é o objetivo da educação marista, cuja história tem mais de 200 anos em nível mundial, com uma proposta educativa que, acima de tudo, acredita nas pessoas e no seu potencial. Assim,

tudo o que fazemos tem mensagem educativa. Educar é preciso. A educação é uma empreitada humana para a vida; e a vida toda é o centro da gravidade da educação. Educação e vida estão de tal forma entrelaçada que não há como separá-las (BALBINOT, 2018, p. 24).

Reforço a importância de uma educação na vida das pessoas, pois, “A educação, de acordo com a visão de Marcelino Champagnat, é mais do que um processo de transmissão de informações: é um meio poderoso de formação e transformação das mentes e dos corações das crianças e dos jovens” (SAMMON, 2006, p. 26).

E dentro deste meio educativo tem-se um espaço em que se partilha vida, sonhos, angústias e sofrimentos. Este espaço é para grupos de jovens e chama-se de Pastoral Juvenil Marista.

2.1.2 Pastoral Juvenil Marista

A Pastoral Juvenil Marista (PJM) é uma organização juvenil do Instituto dos Irmãos dentro das unidades Maristas (colégios, unidades sociais e universidades). Esta pastoral tem por missão promover o desenvolvimento integral da pessoa e o amadurecimento da fé.

A PJM, organiza-se “[...] através da vivência grupal, oportunizando a cada adolescente e jovem experienciar a vivência da mística, a realizar descobertas pessoais e coletivas, a ser protagonista de sua vida e na sociedade”¹. A sua proposta está centrada no amadurecimento da fé e no compromisso com o jovem na construção da civilização do amor. Neste caminho de construção vamos trilhando um caminho na fé, no amadurecimento do projeto de vida do jovem.

¹ Rede Marista: PJM: Disponível em: <https://redemarista.org.br/iniciativas/pjm/Paginas/default.aspx>> acesso em: 15/12/2019

A Pastoral Juvenil Marista está organizada através de grupos de jovens, a partir de uma metodologia experiencial e mística. Estes jovens se unem para partilhar vida, sonhos, conflitos, propostas juvenis, com fim na construção da Civilização do amor:

A finalidade do processo está no amadurecimento, na fé e na construção da Civilização do Amor com participantes, animadores/as, assessores/as, por meio da vivência grupal. Todo o processo da PJM é vivido, experienciado, celebrado, a partir da Vivência Grupal. (REDE MARISTA, 2020, p. 28).

O grupo de jovens se constitui de pessoas que deixam-se cativar pela proposta, e que a partir deste cativar desejam formar um grupo. Mas o que faz um jovem querer encontrar outros jovens e, assim, constituir um grupo? Acredito que exista uma diversidade de possibilidades, no entanto, para os grupos de jovens da Pastoral juvenil Marista, o que agrega e une os jovens numa perspectiva de vivência grupal é a mística. “O processo da PJM é costurado pela mística que é nosso jeito de ser, agir e viver” (REDE MARISTA, 2020).

Dentro da PJM, a dimensão grupal é vital para um processo pedagógico-pastoral:

O grupo é o lugar da experiência e da vivência pessoal, social e eclesial. É um conjunto de pessoas que se reúnem sistematicamente com o desejo de fazer uma experiência em conjunto. [...] O grupo é uma opção pedagógico-pastoral fundamental [...] porque o grupo é, por excelência, na vida dos/as adolescentes e jovens, um espaço fundamental de felicidade (e de conflito) (REDE MARISTA, 2020, p. 32).

Este grupo da PJM tem uma metodologia própria de trabalho. Em primeiro lugar, é preciso dizer que “A palavra método significa ‘caminho para chegar a um fim’, ou seja, é um jeito de dizer, de agir ou fazer uma coisa de acordo com uma ordem” (REDE MARISTA, 2020, p. 23). Considerando que a finalidade é a construção da civilização do amor, de acordo com a Rede Marista (2020, p. 23).

assumir um método é assumir uma pedagogia, um modo de se relacionar, de agir com as pessoas e com os fatos. Na vivência do método, está em jogo a visão de mundo, de pessoa, de Igreja, de sociedade, de política, entre outros. Nesse sentido, o método é importante pois indicará o modo de acompanhar, de se organizar, de construir a Civilização do Amor. Ter um método é ter um “como” e um “porque” fazer.

É nessa proposta metodológica que a PJM vivencia a experiência dos seus grupos de jovens nas relações humanas. No momento em que assumo uma metodologia de trabalho para com os jovens a PJM também assumo uma metodologia experiencial:

A PJM adota a metodologia experiencial, pois experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Adotá-la é proporcionar que adolescentes, jovens e assessores/as realizem vivências profundas de fé-vida, partam da realidade concreta da vida e da prática para depois confrontar suas conclusões com a teoria, a doutrina (REDE MARISTA, 2020, p. 53).

É com a metodologia, com a mística, com a vivência grupal que a pastoral juvenil marista vai ajudando o jovem a construir o seu projeto de vida, as concepções e também a civilização do amor. Uma civilização em que reina o respeito à diversidade, ao outro, a natureza e o cultivo da espiritualidade. Tendo em vista essas considerações, indago, como os jovens da rede Marista vivenciam o cultivo da espiritualidade, quais elementos que emergem em seus sonhos, afetos e pensamentos?

2.2 Juventudes

No âmbito da constituição humana, mirando aspectos sócio-histórico-culturais, percebe-se que a sociedade está numa época de transformações e mudanças significativas no que se refere aos princípios humanos e valores, que até então estavam alicerçados como verdades absolutas e determinadas, tais como: o conhecimento, os relacionamentos e o sentir. Os jovens encontram-se dentro desta dimensão sócio-histórico-cultural, uma vez que vivem em sociedade, tem uma história e fazem parte de uma determinada cultura. Neste fato encontra-se uma dificuldade em pensar unilateralmente um conceito único sobre as juventudes:

É difícil, para nós, conceituar a juventude, pois é impossível abranger as diversas situações que os jovens vivem, dependendo de suas raízes e origens étnicas, das influências culturais de seus meios, ou das diferentes condições políticas, sociais e econômicas (COMISSÃO..., 2011, p. 19).

As juventudes são compreendidas como um fenômeno social importante para a sociedade e torna-se importante estudar as realidades juvenis. Além disso,

Compreender o fenômeno das juventudes: eis um importante desafio para os tempos atuais. O debate sobre juventudes vem sendo fomentado ao longo das últimas décadas, tanto no âmbito da sociedade civil, como nas esferas governamentais, na perspectiva da ampliação de políticas públicas (SCHERER; PERONDI; SILVA; 2014, p. 19).

Atualmente, as juventudes são pautas importantes para as esferas sociais. Por isso, compreender quem é o jovem é fundamental:

Neste sentido, compreender “o que é ser jovem” nos demanda a olhar para uma série de elementos que nos remetem a uma heterogeneidade de elementos que apontam para a pluralidade presente neste segmento social (SCHERER; PERONDI; SILVA; 2014, p. 21).

Mas quem são esses jovens e como estes percebem e vivenciam a espiritualidade? Quais os questionamentos, esperanças e medos que permeiam essas vivências? Como se relacionam com seus afetos e personalidades (ou identidades)? Uma das complexidades do ser jovem abordada neste trabalho é a interioridade e as imagens vivenciadas nos processos de tornarem-se jovens, considerando a faixa etária entre 15 e 29 anos.

Olhar para as juventudes a partir de uma dimensão etária é uma forma de percebê-las na nossa sociedade, porém, não a única e nem a mais importante. A proposta deste trabalho não busca enfatizar essa dimensão e, sim, buscar novas compreensões e como estes jovens se compreendem. As faixas etárias são um caráter de informação. Como por exemplo, “No Brasil, outro enfoque tem sido abordado pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e pelo estatuto da juventude, que apontam a faixa etária da juventude como sendo dos 15 aos 29 anos” (PERONDI; VIEIRA, 2018, p. 49). Portanto, a faixa etária é um demarcador de tempo que nos ajuda a pensar o processo de desenvolvimento e os anseios vividos por eles nesse contexto de suas vidas.

O Instituto Marista trouxe como reflexão acerca da realidade juvenil um documento chamado *Evangelizadores entre os jovens*. Este documento traz reflexões sobre as juventudes e como estas se relacionam com a dimensão marista. Em primeiro lugar,

A dignidade humana encontra-se ferida em suas várias dimensões. Encontramos rastros de miséria material e espiritual em todas as partes, frutos da injusta

distribuição de riqueza e de um mercado religioso que oferece soluções rápidas aos problemas (COMISSÃO, 2011, p. 17).

Quando se trata da vida, devemos prezar pelo respeito e cuidado pelas pessoas e pelos jovens. Com isso, acredito que seja necessário proporcionar espaços de experiências e encontros significativos para os jovens. A vontade de participar dos espaços de transformação da sociedade impulsiona a transformação social. Através das perturbações e incômodos pessoais e sociais, potencializam-se as mudanças.

Além disso, no documento, descreve-se nosso jeito de compreender e atuar junto aos jovens contemporâneos, pautando um posicionamento em princípios fundamentais:

1. Reconhecer os jovens como sujeitos de direitos a caminho da autonomia;
2. Avançar no diálogo com as juventudes;
3. Ampliar a escuta às juventudes;
4. Conhecer e aprofundar a compreensão sobre as juventudes contemporâneas;
5. Contribuir na construção e acompanhamento do projeto de vida.
6. Fomentar o protagonismo e a participação juvenil.
7. Formação e compreensão integral das juventudes
8. Contribuir na defesa dos direitos dos adolescentes e jovens
9. Fortalecer as redes de atuação junto às juventudes (COMITÊ, 2016, p. 18).

Alguns aspectos importantes citados anteriormente são relacionados à escuta dos jovens a proporcionar e contribuir em uma construção de projeto de vida. O jovem acredita que vive um momento importante de escolhas, decisões e, ao mesmo tempo, de uma construção e fundamentação do seu projeto de vida. É um tempo de afirmações, transformações e mudanças (SCHERER; PERONDI; SILVA, 2014).

A compreensão acerca de um conceito sobre quem é o jovem e o conceito de juventude foi pautada a partir de um olhar do mundo adulto, algumas vezes, foi descartado o olhar do jovem sobre si próprio. Como o jovem percebe-se enquanto jovem? Se formos analisar e compreender as juventudes através do olhar adulto, podemos cometer alguns erros, e estes causarem desastre para com as juventudes:

Hoje nós, adultos, corremos o risco de fazer uma lista de desastres, de defeitos da juventude atual. Alguns poderão aplaudir-nos, porque parecemos especialistas em encontrar aspectos negativos e perigos. Mas, qual seria o resultado deste comportamento? Uma distância sempre maior, menor proximidade, menos ajuda mútua (PAPA FRANCISCO, 2019, p.15).

As juventudes são plurais, e nesta pluralidade é que se encontra a riqueza de ser jovem. Este jovem procura um sentido para vida, ou seja, um projeto de vida, propostas, desafios e, ao mesmo tempo respostas para os seus questionamentos. Dentre os mais diversos questionamentos que as juventudes trazem consigo, podemos colocar a dimensão da espiritualidade como uma vivência:

Existe uma pluralidade de mundos juvenis, a ponto de se tender, nalguns países, a usar o termo “juventude” no plural. Além disso, a faixa etária considerada pelo presente Sínodo (16-29 anos) não representa um todo homogêneo, mas compõe-se de grupos que vivem situações peculiares (PAPA FRANCISCO, 2019, p.16).

A dimensão religiosa é inerente à vida humana, ou seja, tratar sobre religião diz respeito a uma experiência do ser humano, consistindo este num tema que abrange o transcendente:

Por religião entende-se a relação do ser humano com o sagrado (do latim re + ligare = religar), em que se supõe a existência de uma realidade transcendente que pode ser nomeada de diferentes formas: deus, nirvana, tao, absoluto, etc (PERONDI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014, p. 117).

A religião aborda uma realidade transcendente, como se vê, conforme a etimologia da palavra e seu significado. Já, o termo espiritualidade “[...] vem da palavra espírito, do grego ruah, que significa ar, sopro, respiração, o que dá movimento, vida.” (PERONDI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014, p. 126) Estes dois conceitos, religião e espiritualidade, no decorrer da história estiveram ligados:

Esta compreensão amplia o entendimento da espiritualidade para além das religiões ou de uma expressão específica de fé, pois remete a uma dimensão mais ampla que atribui sentido para as pessoas que a vivem no seu cotidiano (PERONDI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014, p. 126).

No momento em que se trata da vida das pessoas como uma dimensão individual, pessoal, a espiritualidade pode ser compreendida como uma energia que faz a pessoa agir e viver. A espiritualidade pode ser entendida como uma força interior do ser (PERONDI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014).

Uma questão importante, ligada à vivência da espiritualidade, é a dimensão da religião. Percebe-se, algumas vezes, a falta da adesão do jovem para com a dimensão

religiosa, ou seja, um afastamento dos ritos dentro da igreja. Muitos, a partir das suas experiências de vida, não concordam com as propostas, ou não encontram sentido para experiências da dimensão religiosa e da fé, no que diz respeito a determinados credos. Papa Francisco afirma que “No Sínodo, reconheceu-se que um número consistente de jovens, pelos motivos mais variados, nada pede à Igreja, porque não a consideram significativa para a sua existência” (PAPA FRANCISCO, 2019, p.11).

Perceber as juventudes como um tempo importante na vida do ser humano é valorizá-lo e ajudá-lo a construir um projeto de vida. Quando se fala em construção de um projeto de vida, não significa dizer que iremos fazer pelos jovens, pelo contrário, ajudaremos estes a perceberem o movimento e o momento importante que é ser jovem. As questões das juventudes transcendem, ou seja, vão além de uma perspectiva etária, ou que entende a juventude como uma passagem da adolescência para a fase adulta. Existe uma diversidade de concepções, de percepções e credos que as juventudes carregam. Portanto, “Apreciar a juventude implica ver esse tempo de vida como um momento valioso, e não como uma etapa de passagem na qual os jovens se sentem empurrados para a idade adulta” (PAPA FRANCISCO, 2019, p. 11).

Dessa forma, é importante tratar a respeito da espiritualidade com os jovens, pois conversar, partilhar nossas concepções sobre este tema, é também refletir sobre a vida. Ao mesmo tempo, ajuda-nos a perceber o que os jovens entendem sobre a espiritualidade. Podemos nos perguntar: o que implica um jovem pensar a respeito deste tema? Irá mudar a própria concepção espiritual? É oportuno proporcionar espaços de diálogos para as juventudes sobre este tema?

A partir dessas perguntas e questionamentos fundamentais para a vida, compreende-se a importância de proporcionar espaços de diálogos sobre temas que, por vezes, são considerados tabus, ou seja, temas que, para outras faixas etárias não seriam de interesse dos jovens. Este estudo e/ou proposta de pesquisa é, também, uma oportunidade de trazer à tona o que as juventudes compreendem e como vivenciam acerca da dimensão espiritual em suas vidas. Isso reforça que todos vivemos e temos oportunidade de tratar e construir percepções sobre o que queremos.

Outro aspecto importante consiste no fato de que, quando estamos falando sobre espiritualidade, estamos tratando sobre a nossa vida, o jeito que compreendemos o

mundo, as pessoas, os grupos de jovens e também uma perspectiva cronológica, isto é, do tempo. “Tempo e espiritualidade são dimensões que provocam um pensar sobre a relação entre os espaços educativos e os movimentos que recriam a percepção da consciência.” (SÍVERES; MENEZES, 2012, p. 696).

No decorrer das tendas, os participantes partilhavam histórias e sonhos. Além disso, acredito que esta proposta também evidenciou um processo de autoconhecimento. Portanto, falar sobre espiritualidade e as juventudes é tratar do coração da nossa humanidade: “Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração” (PAPA FRANCISCO, 2019, p. 34).

2.3 Espiritualidade

O sagrado está intimamente ligado à espiritualidade e na ação de acreditar... (Participante NR)

Esta epígrafe expressa o quão importante é tratar a respeito da espiritualidade para com as juventudes, pois, ao tratarmos sobre este tema, estamos proporcionando espaços de diálogos e escuta a respeito da vida e do nosso existir humano.

O viver e o existir estão intimamente ligados a uma experiência espiritual. Portanto, o sentido da nossa vida é o modo com que criamos raízes e vínculos com o mundo, com as pessoas e com o universo: “Ao longo da existência, nossa realidade espiritual interage dinamicamente com a experiência vital” (UMBRASIL, 2007, p. 12).

A nossa existência está vinculada à existência do outro como forma de alteridade. Esta alteridade vai confirmando e ajudando a pensar no que a pessoa é em si mesma. Por este motivo que, às vezes, torna-se complexo fazer uma definição acerca de si mesmo. Um participante das “Tendas” enfatizou, na sua fala, a questão da alteridade nas relações e sua importância para o autoconhecimento. Segundo sua reflexão, “uma forma de fugir da pergunta *quem eu sou* é dizer *eu sou eu*”. Não tem resposta certa nem errada. Eu posso tentar descrever quem eu sou, mas quem vai entender são os outros: os olhos dos outros, os ouvidos dos outros, o cérebro dos outros que irá entender: “Quem está entendendo são vocês mesmos, pode ser que eu seja legal, ou chato. Cada um tem uma

imagem minha, talvez, seja essa a dificuldade de identificar quem eu sou. Enfim, somos e vivemos em um paradoxo” (Participante YB).

A alteridade, nas relações, proporciona um processo de autoconhecimento, assim como ocorre no processo educativo. O processo educativo tem como objetivo a formação da integralidade do ser humano, ou seja, da pessoa num todo. Para proporcionar esse processo de integralidade do ser, a espiritualidade torna-se um dos meios importantes para este processo. Ou seja, “Educação e espiritualidade são conceitos inerentemente interligados no processo da construção de uma cultura de paz” (CREMA, 2015, p. 12). Por fim, a educação e a espiritualidade buscam uma cultura de paz. A palavra paz pode designar também algo sagrado e ou divino:

Na tradição judaica, a palavra hebraica para se referir à paz é Shalom derivada, [...] da mesma raiz de Shalem, que significa inteireza. O que converge com o conceito holístico grego holos, cujo significado é totalidade. Já no idioma inglês, a palavra whole – inteiro, total – se origina da mesma raiz de holy, que significa sagrado (CREMA, 2015, p. 15).

Fritjof Capra (2002) ajuda-nos na reflexão sobre a espiritualidade através de um olhar mais holístico, ou seja, um olhar mais abrangente na perspectiva ecológica e integral. Assim como Capra, Jung, em seus estudos, trata sobre a importância da espiritualidade para a vida. Jung foi mais direto à questão da espiritualidade, pois tivera diversas experiências pessoais que ajudaram no discernimento acerca desse aspecto da vida.

A palavra espiritualidade deriva da palavra espírito. Portanto, esta palavra torna-se importante para o ser humano, tanto é que carrega uma diversidade de significados. A palavra espírito na sua etimologia latina tem o significado de sopro. Mas o que esse sopro, um “ar”, tem a ver com a vida humana?

O espírito tem a ver com a vida humana, pois é uma dimensão que vivifica a vida, ou seja, podemos dizer que o espírito “[...] é o sopro da vida” (CAPRA, 2002, p. 73).

Nesse sopro de vida encontra-se o âmbito sagrado, ou espiritual, do ser. Assim, a espiritualidade está intimamente ligada ao sagrado, através das crenças, das experiências que cada pessoa vive. Portanto, é uma característica importante da nossa vida e nos proporciona a capacidade de olharmos para dentro de nós mesmos.

A espiritualidade está também relacionada à religião. Jung apresenta um conceito importante a respeito da religião. O pensador postula que

Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário (JUNG, 1978, p. 9).

Ou seja, a religião consiste numa experiência que o ser faz no decorrer da vida com o numinoso. Esta experiência provoca atitudes humanas que nos unem ao transcendente. Sobre essa esfera, Jung escreveu:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: "religio", poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado (JUNG, 1978, p. 10).

O pensador Leonardo Boff, em seu livro sobre espiritualidade, utiliza-se do conceito criado por Dalai Lama, segundo o qual “Espiritualidade é aquilo que provoca no ser humano uma mudança interior” (BOFF, 2006, p. 13). Mendonça (2016) também se refere à espiritualidade como um meio para o qual se remete à dimensão do cultivo da interioridade, assim, relacionada com a dimensão mística.

A espiritualidade é uma experiência de interioridade, de transformação, e do que vivifica, ou seja, que dá um sentido à vida como uma experiência de fé. A experiência da fé é crer no transcendente e esta crença provoca mudanças e transformações na vida. É uma experiência importante para o ser humano:

[...] toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso, e, por outro, na *pistis*, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta (JUNG, 1978, p. 10).

A espiritualidade acontece na vida das pessoas e se funda numa experiência misteriosa da vida humana. A nossa história é marcada por acontecimentos que transformam o nosso ser e, por vezes, até a nossa maneira de pensar e agir em

sociedade e conosco mesmo. Na modernidade, no entanto, implantou-se uma visão mais racional da vida:

O paradigma cartesiano-newtoniano que surgiu no século XVII, na Europa, teve suas origens mais remotas na Grécia clássica principalmente com o modelo inaugurado por Sócrates e Platão, o qual passa a privilegiar o homem racional em detrimento do homem trágico. O conhecimento é separado da sabedoria e aí começa, então, um longo processo metafísico (marcado por fragmentações) que chega aos nossos dias (PELLANDA, 2015, p. 21).

A modernidade foi marcada por um movimento racionalista, e influenciou profundamente a ciência, tal como a compreensão de ser humano, sociedade, universo, trabalho e a própria espiritualidade. Houve um movimento científico, trabalhado e fundamentado por René Descartes, continuado numa filosofia cartesiana. Para Pellanda (2015), a realidade na modernidade era percebida de maneira sistemática, numa relação linear de causa e efeito. A sistematização do conhecimento e da vida dava-se através da perspectiva racionalista em que existia a relação de causa e efeito da vida.

A vida numa ótica racionalista estava focada somente na matéria e nada no espírito. A matéria era a pauta para os modernos: “Para Descartes, o universo material era uma máquina, nada além de uma máquina. Não havia propósito, vida ou espiritualidade na matéria” (CAPRA, 1982, p. 46).

Com a falta de cuidado para com os seres humanos e a natureza, as ações humanas tornam-se fragmentadas, ou seja, diluídas em pequenos processos de si. Com isso, houve uma dificuldade de encontrar e perceber o todo, este todo pode ser entendido como inteireza, nas mais diversas dimensões sociais e humanas:

O contexto contemporâneo mostra um esfacelamento das diferentes dimensões da realidade. Tudo é fragmentado: o cosmos e o si mesmo, o corpo e a mente, a natureza e o ser humano, o conhecedor, o conhecido e o conhecimento e assim por diante” (PELLANDA, 2015, p. 19).

A falta de cuidado com a vida é uma característica da sociedade moderna. Capra afirma que “A falta de espiritualidade, que se tornou característica da nossa moderna sociedade tecnológica, reflete-se no fato de a profissão médica, à semelhança da sociedade como um todo, negar a morte” (1982, p. 125).

A consciência de uma espiritualidade mais global, isto é, uma espiritualidade ecológica e profunda ajuda numa proposta de formação integral do ser humano. Capra (1982) aponta que no momento em que o ser humano se torna mais consciente sobre si é capaz de fazer escolhas livres e assim, formar atitudes humanas para uma nova consciência ecológica.

Por isso, uma pesquisa que trata a respeito da espiritualidade quer trazer elementos para reflexão sobre a vida, a ecologia e como nos relacionamos com os outros seres enquanto seres vivos.

A espiritualidade é entendida também como uma experiência que transforma a vida e nos proporciona espaços de sensibilidades, de cuidado e cultivo da interioridade. “Nutrir a espiritualidade pressupõe o cultivo do espírito humano mediante práticas meditativas, processos de interiorização que facilitem o encontro do indivíduo consigo mesmo, com a natureza e com o cosmo” (MORAES, 2019, p. 156).

Algumas vezes a espiritualidade foi compreendida como mística. Ou seja, a espiritualidade é um sinônimo de mística. A mística é uma experiência do real e do transcendente para o ser humano. Conforme afirma Mendonça (2016) a espiritualidade é entendida como sinônimo de interioridade. E a interioridade tem uma relação de proximidade com a mística. Portanto, as palavras espiritualidade e mística se complementam. Capra afirma que “a espiritualidade, ou a vida espiritual, é geralmente compreendida como um modo de ser que decorre de uma profunda experiência da realidade, chamada de experiência ‘mística’, ‘religiosa’ ou ‘espiritual’ (CAPRA, 2002, p. 73).

No momento em que se trata de reinventar um projeto de espiritualidade, busca-se uma experiência que integre e dê sentido ao viver, que busque uma hermenêutica da vida, percebemos que,

Cada época deve reinventar para si um projeto de espiritualidade. Seguramente que este “reinventar para si não significa descobrir do nada. Trata-se antes de reler, de encontrar uma nova hermenêutica, e arriscar uma nova síntese, de propor, partindo do ato de crer, mas também do ato de viver, uma nova gramática sapiencial (MENDONÇA, 2016, p. 26).

A experiência da realidade mística pode ser encarada como uma dimensão sagrada, no instante em que o mistério toma conta da experiência, ou seja, a

racionalidade não encontra mais razões empíricas para dar respostas às questões da vida, causa-nos espanto. Uma experiência de espanto é um mistério para o ser humano, tendo em vista que este sempre busca um sentido para o que lhe é próprio e próximo:

Rudolf Otto cunhou o conceito de numinoso, uma categoria a priori do espírito, para se referir ao sagrado como mistério, experiência que transcende a razão e a sensação, uma vivência inefável que constela luz e sombra, encanto e espanto (CREMA, 2015, p.15).

De acordo com Capra (2002), a espiritualidade é vista como uma experiência que une os seres, que não realiza os movimentos de separação, conectando aspectos humanos e transcendentais, a mente e o corpo. Enfim, uma experiência que acontece na vida da pessoa de maneira integral. O que nos une é o ar, a vida, enfim, o espírito.

É o espírito que é o sopro da vida que intensifica o nosso viver e o nosso ser. Portanto, “O espírito - o sopro da vida é o que temos em comum com todos os seres vivos. É o que nos alimenta e nos mantém vivos” (CAPRA, 2002, p. 73).

E por espiritual queremos dizer, é claro, plenamente vivo, uma vez que espírito significa sopro de vida. O espírito é o sopro de vida de Deus dentro de nós. Se você está plenamente vivo e alerta, e se é sensível ao desafio de cada momento, então você está vivendo uma vida espiritual (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 158).

O numinoso é uma relação de sentimento, como profere Otto (2007), e que provoca a nossa natureza humana e, por vezes, nos amedronta. O numinoso é misterioso e sagrado. A questão do sagrado na vida tornou-se algo tão próximo do ser humano, que nos possibilitou conceituar e refletir sobre a influência do sagrado para as pessoas e na sociedade

O termo numinoso está relacionado ao sagrado e à espiritualidade. Portanto, segundo Otto (2007, p. 38) já que do latim *omen* se pode formar "ominoso", de *numen*, então, numinoso, refere-se a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada, ou seja, onde se julga tratar-se de objeto numinoso.

Como ele é irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimento desencadeado na

psique: "Sua natureza é do tipo que arrebatava e move uma psique humana com tal e tal sentimento" (OTTO, 2007, p. 44).

O numinoso não é apreendido e compreendido através de uma experiência racional simplesmente, ela foge dos padrões da razão. A experiência numinosa “[...] apresenta um elemento ou "momento" bem específico, que foge ao acesso racional no sentido acima utilizado, sendo algo *árreton* ["impronunciável"], um ineffabile ["indizível"] na medida em que foge totalmente à apreensão *conceitual*. (OTTO, 2007, p. 37) Como não se aprende meramente pela razão, para os seres humanos a experiência numinosa torna-se uma experiência misteriosa:

Mistério, *mystês* e mística provavelmente derivam de um radical ainda preservado no termo sânscrito *mus*. *Mus* significa "agir às ocultas, secretamente"[...]. Mistério, de um modo geral, significa inicialmente apenas enigma no sentido de estranho, não-compreendido, inexplicado (OTTO, 2007, p. 58).

Dentre os mais diversos significados a respeito da espiritualidade, encontramos aquele que tem relação íntima com o transcendente. Ou seja, a experiência espiritual é aquela em que o ser se relaciona com o transcendente. “Nesse sentido, a dimensão espiritual aponta ao aspecto transcendente em toda a existência humana, mas não necessariamente a transcendência das religiões (PINHEIRO; FREITAS, 2015, p. 94).

A proposta de abordar a espiritualidade e a educação tem como pano de fundo um contexto de formação humana e suas dimensões. Assim, como a educação tem características de trabalho na linha epistemológica, na espiritualidade encontram-se dimensões epistemológicas. Portanto, “[...] consideramos a espiritualidade como uma das dimensões que faz parte do ser humano [...]” (PINHEIRO; FREITAS, 2015, p. 94).

A vivência de uma vida fragmentada, ou seja, dividida em pequenas partes, tem consequências importantes na vida humana. Uma das consequências é a não compreensão sobre si próprio como um ser integral. Nas palavras de Oliveira e Encarnação (2015), dividir a vida em partes ajuda na compreensão melhor de si, porém, não possibilita entender o sentido da sua vida. A vivência de uma vida saudável pressupõe, nesse sentido, o cultivo de uma espiritualidade. Por isso, “A espiritualidade é uma das fontes primordiais de significação e inspiração daquilo que é novo, da esperança e da autotranscendência do ser humano” (OLIVEIRA; ENCARNÇÃO, 2015, p. 75).

Quando se trata do cultivo e cuidado com a espiritualidade não estamos definindo a espiritualidade em uma única crença religiosa ou num único credo religioso. A experiência e vivência espiritual é muito mais abrangente que uma religião definida, como a judaico-cristã, budista, islâmica. É mais ampla, mas no entanto, não significa que as tradições religiosas não bebam destas experiências espirituais para fundamentarem o seu credo e os seus ritos. Acredito, com Oliveira e Encarnação, “a espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida e é um conceito mais amplo que religião, pois essa é uma expressão da espiritualidade (2015, p. 75).

De acordo com Oliveira e Encarnação (2015), o cultivo de uma espiritualidade ajuda no processo de equilíbrio das emoções, ou seja, num processo de saúde em que a pessoa busca uma paz interior.

Segundo os autores Capra e Steindl-Rast (1991) a espiritualidade é uma experiência da vida, ou seja, faz parte do cotidiano das pessoas. É uma experiência importante para o ser humano e ajuda a dar um sentido ao seu existir e ao seu dever. Se estas experiências acontecem com os seres humanos, elas devem ser percebidas, compreendidas e dialogadas, pois, são conceitos importantes. Uma das diferenciações importantes que precisam ser explicitadas reside na compreensão dos conceitos de religião e espiritualidade. Capra e Steindl-Rast (1991) nos auxiliam nessa compreensão:

Você pode ter espiritualidade sem religião, mas não pode ter religião, religião autêntica, sem espiritualidade. Você pode ter religião sem teologia, mas não pode ter teologia autêntica sem religião e sem espiritualidade. Desse modo, a prioridade pertence, na minha opinião, à espiritualidade como *experiência*, um conhecimento direto do Espírito absoluto no aqui e agora, e como *práxis*, um conhecimento que transforma a maneira como eu vivo a minha vida neste mundo (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 26).

O conceito de experiência é algo fundante no *existir* humano, logo, estar vivo é estar em experiência constante do viver e de dar um sentido para esta existência. O sentido pode ser dado, através de uma experiência religiosa, espiritual. A respeito da religião, “etimologicamente, a raiz da religião é ligação. E a raiz da teologia está em *theos*, Deus. Mas da maneira como você apresenta, ela não requer o conceito de Deus (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 28). Ainda conforme os autores,

Religião, conforme uso esse termo, deveria ser escrita com um R maiúsculo para distingui-la das várias religiões. Religião é o sentido pleno da religiosidade da qual fluem todas as religiões, como sua fonte. Traduzida para o dia a dia, Religião torna-se espiritualidade; institucionalizada, torna-se *uma* religião.[...] Bem, eu uso o termo *espiritualidade* de maneira diferente. Especificamente utilizada, seria a situação dessa experiência, de Religião (com R maiúsculo), em cada aspecto da vida diária. A espiritualidade faz com que o significado flua na vida diária (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 26).

Busca-se, na vida, a plenitude e a dignidade. Percebe-se que, ao mesmo tempo, muitas ações, atitudes e acontecimentos no âmbito pessoal, social e mundial, por vezes, não nos proporcionam esse cultivo e cuidado para com a vida em plenitude.

2.3.1 *Espiritualidade Marista*

A história do Instituto Marista é marcada pela construção e testemunho de vida e de doação de muitas pessoas na busca de uma construção de um mundo mais justo e fraterno, através da educação e da espiritualidade. Relacionando a espiritualidade com a história do Instituto Marista percebemos que, “A história de nossa espiritualidade é de paixão e misericórdia, paixão por Deus e misericórdia pelas pessoas” (UMBRASIL, 2007, p. 22).

Para o Instituto dos Irmãos Maristas (2009, p. 69), “Espiritualidade é viver em Deus e com Deus. A espiritualidade é como seiva da árvore. Não está à vista, no entanto nutre, faz crescer e produz fruto”.

A espiritualidade é um conceito inacabado e que está sendo tecido através de uma vivência pessoal e comunitária do viver humano: “[...] esta espiritualidade constrói o modo como compreendemos o mundo, as pessoas, Deus e como nos relacionamos com eles” (UMBRASIL, 2007, p. 12).

É importante salientar que, no presente estudo, quando tratamos de um conceito de espiritualidade marista, este conceito está fundado dentro de uma perspectiva e vivência da espiritualidade cristã. Esta espiritualidade é “[...] como fogo inextinguível que arde em nós e nos impregna da paixão pela construção do Reino de Deus” (UMBRASIL. 2007, p. 12).

A espiritualidade e o carisma são dons do Espírito e estiveram sempre presentes na história, movem as pessoas para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Portanto, a respeito da espiritualidade marista, “Cremos que o carisma² é uma graça concedida à Igreja e ao mundo, graça que somos convidados a viver e a desenvolver, à medida em que aprofundarmos nossa participação no mesmo carisma” (UMBRASIL, 2007, p. 25). É importante dizer que

a espiritualidade Marista descreve e expressa esse carisma, encarnado nos diversos tempos e lugares da história. Como acontece com todos os carismas autênticos, ele é dom do Espírito Santo colocado sob nossos cuidados e dedicado à construção e à unificação da Igreja, Corpo Místico de Cristo. (UMBRASIL, 2007, p. 26).

Para o Instituto dos Irmãos Maristas, “a época atual se caracteriza pela sede de espiritualidade. Nós, discípulos de Marcelino, cremos que nossa espiritualidade é uma graça de Deus a ser partilhada com a Igreja e com o mundo” (UMBRASIL, 2007, p. 36-37).

A espiritualidade marista nasce para os seres humanos, e, de modo especial, para as crianças e jovens, sobretudo os mais vulneráveis. É nesse sentido, que se cria uma relação afetiva de carinho e afeto para com este público:

A espiritualidade Marista, nascida com Marcelino e sua comunidade fundadora, se enriqueceu ao longo de sucessivas gerações de seguidores tornando-se, hoje, fonte de água viva para o mundo. As futuras gerações contribuirão ainda mais para essa espiritualidade (UMBRASIL, 2007, p. 25).

As pessoas que estão vinculadas a esta espiritualidade marista buscam para sua vida, uma espiritualidade encarnada na realidade, ou seja, buscam uma espiritualidade que seja vivenciada no cotidiano. Assim, a espiritualidade marista, “É uma espiritualidade contagiosa, fácil de dar e receber, e que nos conecta com as esperanças de nossas crianças e jovens” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2009, p. 70).

As experiências que marcam as nossas vidas, por vezes, nos fazem repensar nossas crenças. A participante TC, nos relata um fato marcante em sua vida, na qual considera uma mudança de pensamento acerca da espiritualidade. Ela relata que

² Carisma é um conceito usado com frequência em documentos da Igreja e de Instituto Religiosos. Nós também o encontramos no mundo político e civil em geral. Em espiritualidade, carisma é dom ou graça que o Espírito Santo dá a uma pessoa, não para seu próprio proveito, mas para o benefício de toda a Igreja (UMBRASIL, 2007, p. 96).

um momento importante e de espiritualidade foi o Encontro de Jovens Maristas do ano de 2018. Este encontro foi para mim uma experiência muito marcante. Naquele momento a gente entrou de mãos dadas fazendo um círculo e foi lindo e fizemos um momento de oração. Aquele fato foi um dos mais importantes para a minha vida. Ficamos em silêncio e, após, rezamos uma Ave Maria. Eu senti algo muito bom! E pensei: “Meu Deus! Deus está aqui!” A partir disso, eu comecei a repensar quais eram as minhas crenças e, depois, comecei a pensar mais na minha espiritualidade e no que considero como sagrado. Teve um momento na minha vida em que eu desconfie das minhas crenças.

A educação marista tem em sua pedagogia uma proposta de educação de qualidade e formativa do ser. Nesse sentido, a dimensão da espiritualidade encontra-se com fundamento na educação marista. Os envolvidos, isto é, os sujeitos da educação são as crianças e jovens.

A espiritualidade é muito importante para os Irmãos Maristas e estes afirmam que é uma relação de cuidado e de amor entre as pessoas e uma dimensão transcendente (REDE MARISTA, 2020).

E o amor para com a vida, por vezes, se expressa através do cuidado, de um gesto de oração e de uma relação para com o divino. A espiritualidade nos aproxima de uma dimensão divina. Para a participante GL:

o sagrado e a espiritualidade têm a ver com o cuidado e a oração pelos próximos a nós, ou seja, a família. Eu posso até falar de uma ação mais recente. No dia em que meu avô foi internado, eu e a minha mãe ficamos muito apavoradas. Choramos bastante e, senti uma coisa muito ruim assim, tal como um aperto. Eu até tinha sonhado alguns meses atrás que ele ficaria mal. E, enfim, eu comecei a apelar para todo mundo, para rezarem, isto foi um instinto meu. Eu comecei a rezar e depois eu acabei ficando mais calma. E daí eu comecei a falar com Deus assim!! Cara! Eu fiquei muito tranquila, não sei, mas eu senti uma coisa. Eu não sei o porquê, mas fazia um tempo que minha fé estava abalada. Sabe, desculpa gente! Eu rezei muito. Eu pensei que não ia sair dessa. E amanhã ele já vai ter alta. Eu lembro que na minha oração pessoal eu deixei minha fé de lado, mas Ele me ajudou, mesmo eu deixando-o de lado. Então, eu acredito muito no divino e que não deixa a gente de lado em qualquer momento. Eu sinto uma coisa maior e que ajudou o meu avô e conseqüentemente a minha família. Nós ficamos felizes e tranquilos. Deus também me deu uma luz, um sinal. Seria essas questões mais fortes que eu senti Deus. Me desculpem pelo choro!

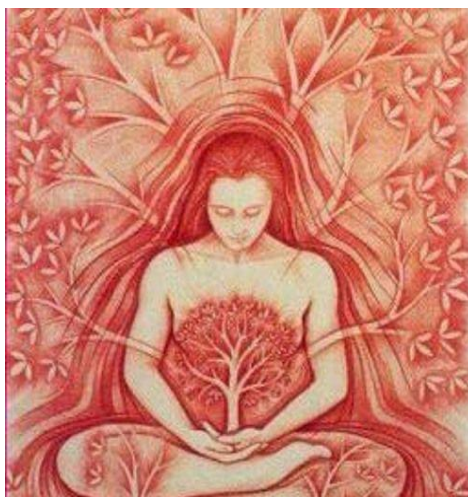
Os momentos alegres e difíceis fazem parte do nosso viver. Nós, como seres humanos, buscamos experiências e vivências que nos proporcionam bem-estar e autocuidado, assim como as experiências e compreensões sobre a espiritualidade. No

entanto, encontramos-nos no meio de um trajeto que nos causa uma dor muito forte, perdas que chegam até a causar problemas à nossa saúde. Afetam-nos de uma maneira que nos fazem questionar no que acreditamos e porque vivemos. A nossa força encontra-se no fato de perceber espaços e atitudes que nos fazem superar e encarar momentos difíceis. A participante GP disse que

eu não sei se isso que vou falar se trata de espiritualidade. Mas as coisas que me marcaram nos últimos anos foram complicadas, eu vivi alguns períodos bem complicados como síndrome do pânico e tomando remédio. E os únicos momentos que eu não sentia nada era no palco do teatro. O teatro era o momento que me ajudava em função de minhas perdas que eu vivi nos últimos anos e com o meu avô. A gente nunca sabe como é que vai ser. Mas estar no teatro era o momento em que me sentia em paz.

Uma das falas marcantes no encontro da tenda da espiritualidade aconteceu no segundo encontro quando conversávamos a respeito das nossas compreensões acerca da dimensão do sagrado e da espiritualidade. A dimensão do feminino e a espiritualidade que para a jovem estão em uma conexão. Para a jovem participante TC, *“a primeira coisa que eu pensei sobre espiritualidade era relacionar com o feminino. Eu quero estudar mais e me conhecer e ter a minha conexão”*. A jovem partilhou uma imagem que considerava uma síntese ao tratar sobre espiritualidade:

Imagem 1: Espiritualidade e conexão



Fonte: cedido pela participante

Na psicologia analítica de Jung encontramos dois conceitos importantes: *anima* e *animus*. Em linhas gerais, anima refere-se a uma imagem feminina no interior do homem, e *animus* uma imagem masculina para as mulheres no que tange ao seu inconsciente. Jung enfatiza que,

[...] todo o ser do homem, corporal e espiritualmente, já pressupõe o da mulher. Seu sistema está orientado para ela, do mesmo modo que para um mundo bem a priori definido, em que há água, luz, ar, sal, hidratos de carbono, etc (JUNG, 2008, p. 77).

A *anima* tende a ser percebida com as questões femininas no homem. Portanto, “*Anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem - os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar [...]” (FRANZ, 2016, p. 234). Um dos exemplos para explicar a relevância da anima para o homem, encontra-se no exemplo seguinte:

Um bom exemplo da *anima* como uma figura interior da psique masculina é encontrado nos feiticeiros e profetas (xamãs) dos esquimós e de outras tribos árticas. Alguns chegam mesmo a usar roupas femininas ou seios desenhados nas roupas, de modo a evidenciar o seu interior feminino, que lhes vai permitir entrar em contato com “o país dos espíritos” (isto é, com o que chamamos de inconsciente) (FRANZ, 2016, p. 235).

No que se refere ao animus, este carrega consigo uma dimensão masculina, como diz Von Franz (2016) no inconsciente da mulher. Assim,

A personificação masculina do inconsciente na mulher - o *animus* - apresenta, tal como a *anima* no homem, aspectos positivos e negativos. Mas o *animus* não costuma se manifestar sob forma de fantasias ou inclinações eróticas; aparece mais comumente como uma convicção secreta “sagrada” (FRANZ, 2016, p. 251).

Anima e *animus* são imagens do inconsciente dos homens e das mulheres. Por vezes, podem ser compreendidos e percebidos como ações positivas ou negativas. É neste sentido, que se torna importante tanto para o homem como para a mulher um processo de autoconhecimento.

2.4 Ego e Si-Mesmo

“Eu sei quem eu sou, mas é muito complicado de explicar quem eu sou em palavras.” (Participante LF)

A nossa vida é um emaranhado de relações que vão sendo tecidas e/ou costuradas no decorrer da mesma: “a experiência da individualidade é um mistério do ser que transcende o poder de descrição. Cada pessoa exhibe sua própria versão inigualável dessa experiência, que é intransferível como tal” (EDINGER, 2020, p. 187). Desde o princípio da vida, nos relacionamos com a mãe. Neste relacionamento vão se construindo relações de afeto, carinho e proximidade e, ao mesmo tempo, uma relação de mistério. Desta maneira, pode-se afirmar que a vida é um mistério, pois existe neste mistério uma experiência aleatória do existir. Assim, os planos, muitas vezes, tornam-se vazios. Jung, em *Memórias, sonhos e reflexões* (1987), explicita a forma como compreende o viver e o existir. Não escolhemos o contexto social em que vamos viver, o nosso nome, e os nossos familiares, por isso, é um desencadeamento psíquico viver e existir (JUNG, 1987). De acordo com o pensador,

A história de uma vida começa num dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança e já, então, tudo era extremamente complicado. O que se tornará essa vida, ninguém sabe. Por isso, a história é sem começo e o fim é apenas aproximadamente indicado (JUNG, 1987, p. 19).

O assunto que será abordado neste capítulo trata dos termos do ego, do Si-mesmo e da Individuação, termos que envolvem a dimensão do desenvolvimento humano. Ao tratar destes aspectos outro conceito que estará presente é o da psique. A psique é constituída dos âmbitos consciente e inconsciente (EDINGER, 2020). Enfim, a psicologia junguiana é uma psicologia analítica e que estuda o ser humano na sua totalidade.

Nós, seres humanos, não escolhemos o local em que nascemos, tal como a nossa família ou o ambiente em que iremos viver. Não deliberamos em nossa vida em relação a essas questões. Assim,

As pessoas não criam sua personalidade deliberadamente, escolhendo uma identidade ou caráter específico, assim como não modelam seu físico selecionando uma compleição, um tamanho de pé ou de mão, ou uma combinação peculiar de traços faciais (STEIN, 2020, p. 11).

A nossa identidade, assim como o nosso ego e o Si-mesmo são constituídos e desenvolvidos no decorrer da vida e das nossas relações, ou seja, das nossas experiências: “quase tudo o que caracteriza os indivíduos e as comunidades deriva da interação de fatores e determinantes históricos - tempo e lugar de origem, herança genética e cultural” (STEIN, 2020, p. 11).

Somos seres humanos buscadores de conhecimento sobre si e sobre o mundo que nos rodeia. No processo de conhecimento pessoal, os outros por vezes, ajudam-nos na nossa própria compreensão de nós mesmos. Durante os encontros, parte empírica dessa pesquisa, um dos participantes expressou a sua impressão sobre quem ele é:

Eu busquei características que as pessoas falam para mim, no sentido: Tu és isso, tu és aquilo. Que eu sou uma pessoa divertida, alegre, contagiante. Mas, eu pensando quem eu sou? Acredito que é muito difícil esta pergunta. Eu sou aquela pessoa que tenta de alguma maneira ser diferente. Que busca uma solução para alguém que se recorre a mim, que precisa da minha ajuda. Eu acho que eu não consigo viver mal com alguém e eu sempre vou buscar alguma solução para que eu fique bem com essa pessoa novamente. Eu não sei o que é viver em conflitos. Eu sou essa menina alegre, contagiante, divertida e que está aí no mundo para viver a vida intensamente. Eu acho que é isso (Participante NR).

Jung (1978), em *Psicologia e religião*, aduz que a dimensão de se conhecer é o fundamento do autoconhecimento. Então, a busca pelo autoconhecimento é um processo de desenvolvimento humano. Esse trajeto é complexo, exige esforço e disciplina, pois, “[...] o homem ainda é um desconhecido, tanto para si mesmo como para os outros, mas um desconhecido cuja existência é demonstrável, o problema da identidade torna-se ainda mais complexo” (JUNG, 1978, p. 87).

Muitos pensadores refletiram e definiram conceitos a respeito do sentido e significado da vida. Alguns disseram que todo o ser tinha a sua origem a partir da água, do ar, do átomo. É importante dizer que,

desde Heráclito, a vida tem sido apresentada como um *pyr aeizoon*, fogo eternamente vivo, e visto que o Cristo se caracteriza a si mesmo como “a Vida”, esta sentença não-canônica é compreensível (JUNG, 1978, p. 41).

Carl Jung, foi um dos pensadores que fundamentou a teoria na psicologia analítica acerca da pessoa, do conhecimento do *eu*, entre outros temas importantes que fazem

referência a vida humana. Para Stein (1998, p. 21), *ego* é um termo técnico cuja etimologia deriva-se do latim e significa *eu*. Este é um conceito fundamental para a presente pesquisa, pois ajuda no processo de investigação:

Entendemos por ego aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. [...] O termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação (STEIN, 1998, p. 23).

O ego é uma dimensão do eu que se relaciona com os conteúdos conscientes, ou seja, que se encontra na consciência. A consciência é como percebemos os sentimentos e emoções que se encontram no eu.

O ego está vinculado ao ambiente, e tem uma “[...] tendência do ego para tornar-se unilateral e excessivamente confiante em si mesmo” (STEIN, 1998, p. 157). E nesta relação com o ambiente e uma excessiva confiança em si é que no decorrer da vida a pessoa vai desenvolvendo a sua persona. A persona é como uma máscara que o indivíduo cria a partir de uma necessidade de adequar-se ao meio em que se vive. Na criação desta máscara, ou seja, desta persona existe aí uma dificuldade de encontrar o si mesmo e romper com esta máscara. Pode-se dizer que o processo de individuação é um processo que ultrapassa com a persona, porém, continua existindo uma relação entre a persona, o ego e o processo de individuação. O ego e a persona são conceitos psicológicos complexos, conforme Stein:

A relação entre ego e persona não é simples, por causa dos objetivos contraditórios desses dois complexos funcionais. ego movimenta-se, de um modo fundamental, no sentido da separação e da individuação, no sentido da consolidação de uma posição, primeiro que tudo, fora do inconsciente e, depois, também algo fora do meio familiar. Há no ego um forte movimento para a autonomia, para uma “egoidade” que possa funcionar independentemente (STEIN, 1998, p. 107).

Jung, em seus postulados sobre as dimensões da individualidade e da coletividade, dá muita importância ao desenvolvimento humano que se dá em dois significativos momentos: na juventude (primeira metade da vida) e na maturidade (segunda metade da vida). Também segundo Stein, “na primeira metade da vida, o principal projeto consiste em desenvolver o ego e a persona até ser atingido o ponto de viabilidade individual,

adaptação cultural e responsabilidade adulta pela criação dos filhos” (STEIN, 1998, p. 156).

Torna-se muito complexo fazer uma definição acerca de si mesmo. A participante TC nos afirmar isso ao dizer quem ela é. “Mas, quem sou eu? Eu sou... Eu não sei como explicar. A gente recorre a outras formas para se explicar. O fato de recorrermos a outras formas de compreensões acerca de nós mesmos, nos traz como premissa que não estamos completamente certos e estagnados a respeito de uma única definição”.

O desenvolvimento da personalidade humana ocorre dentro de uma perspectiva da formação da psique e da consciência. Este desenvolvimento leva em consideração o meio ambiente e a cultura em que o ser humano está inserido:

Podemos dizer que a personalidade humana é constituída de duas partes: a primeira é a consciência e tudo o que ela abrange; a segunda é o interior de amplidão indeterminada da psique inconsciente. A personalidade consciente é mais ou menos definível e determinável (JUNG, 1978, p. 41).

Na primeira parte da vida, o movimento de desenvolvimento se dá a partir da formação do ego e da *persona*. Já na segunda metade da vida, é o processo de individuação acontecendo na vida da pessoa. Ou seja, a pessoa realiza, torna-se quem é realmente em potência na segunda metade da vida (STEIN, 1998).

A humanidade é um tema importante para o ser humano, é inerente ao ser humano tratar sobre si próprio:

Escolhi a expressão "Si-mesmo" (Selbst), para designar a totalidade do homem a soma de seus aspectos, abarcando o consciente e o inconsciente. Adotei tal expressão no sentido da filosofia oriental, que se ocupou, há muitos séculos, com os problemas que surgem, quando mesmo a humanização dos deuses é ultrapassada (JUNG, 1978, p. 87).

O Si-mesmo é um conceito junguiano que remete à possibilidade de uma centralidade do transcendente na pessoa. Ou seja, o transcendente pode estar presente no ser humano:

[...] a teoria do si-mesmo - o conceito de que existe um centro transcendente que governa a psique do lado de fora dela própria e circunscreve a sua integridade - foi um meio que Jung usou para explicar fenômenos psicológicos básicos [...] (STEIN, 1998, p. 152).

O conceito de Si-mesmo, na teorização junguiana, trata de uma centralidade da pessoa, ou seja, um arquétipo de unidade da psique: “o Si-mesmo é o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), assim como o ego é o centro da personalidade consciente” (EDINGER, 2020, p. 19).

O Self e o Si-mesmo são conceitos fundamentais na obra junguiana, pois tratam sobre o desenvolvimento da pessoa e da psique, tal como uma dimensão interior do ser. Desta forma, “O *Self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido por meio da investigação dos sonhos de cada um” (FRANZ, 2016, p. 213).

Em linhas gerais, o que se compreende a respeito do Si-mesmo é que este conceito junguiano tem uma autoridade *em* relação ao ego, sabendo que este último consiste na dimensão subjetiva (eu) da personalidade e o Si-mesmo, tem o caráter de objetividade na psique (EDINGER, 2020).

2.4.1 Individação

“A individuação é um processo e não um alvo a ser alcançado, cada novo nível de integração deve submeter-se a uma nova transformação para que o desenvolvimento se realize” (EDINGER, 2020, p. 37).

Mas afinal, em que consiste o termo junguiano *individuação*? Em primeiro lugar, trata-se de um conceito histórico que antecede o próprio pensamento de Jung:

Principium individuationis é uma expressão com um histórico longo e complexo na filosofia (da Idade Média a Leibniz, Locke e Schopenhauer), posteriormente retomada por C. G. Jung é aplicada com enorme significado em sua teoria psicológica. Como o conceito psicológico, trata-se de uma ferramenta com duas funções primordiais: primeira, oferece um modo de compreender e interpretar mudanças na psique individual e coletiva; segunda, sugere um método para aumentar e desenvolver a consciência humana ao seu máximo e pleno potencial (STEIN, 2020, p. 12).

O desenvolvimento humano acontece desde o princípio da vida até a morte. A individuação é um processo que deve durar a vida toda, ou seja, um caminho de conhecimento e amplificação da consciência de si mesmo (EDINGER, 2020). Estamos

em constante processo de desenvolver-se. Aí reside a importância do autoconhecimento e do desenvolvimento humano como aspectos fundamentais para a vida. Podemos dizer que com o desenvolvimento humano buscamos a integralidade da vida:

As pessoas desenvolvem-se sob muitos aspectos ao longo de suas vidas, e passam por múltiplas mudanças em muitos níveis. A experiência total de integridade ao longo de uma vida inteira - o surgimento do si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência - é conceituada por Jung denominada individuação (STEIN, 1998, p. 153).

Uma das buscas mais importantes na história é a busca pelo conhecimento de si mesmo e da integralidade do ser, ou seja, um autoconhecimento. Sempre buscamos respostas sobre quem nós somos e, ao mesmo tempo, com estas respostas, formulamos outras perguntas. O autoconhecimento é um processo pessoal de acender uma consciência sobre si mesmo (JUNG, 2008). Nesse processo de reconhecimento vamos percebendo processos, conteúdos que nos constituem como pessoas, ou seja, como nós somos. A Participante NR em uma de suas falas explicita a dimensão da importância de se conhecer, mas também, de perceber que temos características, que por vezes, nos assemelham e nos aproximam. Segundo a participante, *“temos características iguais. A gente se propõe a buscar algo, alguns objetivos que são iguais. Mas algumas características são diferentes. E é isso que faz a gente ser assim, eu acho que somos um grupo bom para conversar e conviver”*. A dimensão grupal, ou seja, coletiva, auxilia numa proposta de reconhecimento de si e no processo da constituição da personalidade. O autoconhecimento é um processo que dura a vida toda, ou seja, uma constituição da personalidade. A "Individuação" significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio Si-mesmo” (JUNG, 2008, p. 60).

O processo de individuação pode ser entendido também como um caminho para se tornar quem se é (JUNG, 2008). O coletivo e o individual fazem parte da constituição de uma consciência, isto é, o ser tem em si uma dimensão individual e outra coletiva:

A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social (JUNG, 2008, p. 60).

Em termos psicológicos a individuação é processo de desenvolvimento humano. A individuação auxilia na construção de uma personalidade individual. Isto é, uma singularidade, em que o ser busca seu autoconhecimento e percebe-se como único. Existe neste caminho um itinerário de despojamento de si mesmo, ou seja, das máscaras, que vão sendo construídas no decorrer das nossas vidas. O processo de individuação é um processo de despojamento das máscaras, isto é,

[...] um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é (JUNG, 2008, p. 61).

O autoconhecimento é um processo consciente que o ser assim o faz na sua vida. E por vezes, quanto mais nos conhecemos, percebemos que sabemos pouco sobre nós. Por isso, a individuação é um processo vital que perdura a vida:

Entretanto, quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo (JUNG, 2008, p. 64).

Como afirma Jung (1986), o único caminho seguro é o caminho da morte. Apesar de buscarmos em nossa vida um caminho de autoconhecimento e de exatidão nas coisas que fazemos, o único caminho exato da nossa vida é a morte. Isso quer dizer que enquanto estivermos vivos cometeremos erros e acertos. Cabe a cada ser humano perceber como irá encarar o fato de que às vezes, erramos, acertamos, e assim sucessivamente, vamos vivendo. É importante, dizer que,

[...] quando seguimos o caminho da individuação, quando vivemos nossa vida, é preciso também aceitar o sem o qual a vida não será completa: nada nos garante – em nenhum instante – que não possamos cair em erro ou em perigo mortal (JUNG, 1986, p. 25-26).

É uma dimensão de Si-mesmo perceber que somos singulares e únicos. Percebemos isso na fala de um dos participantes. Ele refletia sobre quem era e, a partir de uma percepção e autorreflexão, disse-nos que “*Somos de idades, religiões, diferentes*

cursos e destinos” (Participante LF). E o fato de sermos distintos e, ao mesmo tempo, iguais, é o que os aproximava enquanto grupo de pessoas e de amigos.

As pessoas têm um desenvolvimento, portanto, o trabalho psicológico é observar como acontece esse crescimento e como se relaciona com o meio ambiente:

O conceito de Jung de individuação baseia-se, em parte, na observação comum de que as pessoas crescem e desenvolvem-se no decorrer dos setenta ou oitenta anos que normalmente têm de vida nas sociedades ocidentais (STEIN, 1998, p. 84).

A individuação pertence à natureza humana, e tem uma característica universal importante para todas as pessoas, sem fazer distinção de culturas: “ao se tornar pessoa, o indivíduo deve necessariamente criar distinções e separação” (STEIN, 2020, p. 22).

A busca do transcendente, de um Deus ou de experiências que nos conectam conosco mesmo e com outro ser é o que chamamos de experiência espiritual e numinosa:

Em termos gerais, a “abordagem do numinoso” é considerada um projeto religioso, uma peregrinação. A “vivência de experiências numinosas” de qual fala Jung refere-se a experiências religiosas de uma natureza quase mística. [...] A experiência numinosa cria vínculos potencialmente convincente com o Infinito [...] (STEIN, 2020, p. 42).

As experiências espirituais ajudam no processo de individuação, por isso, torna-se importante ter espaços de experiências e cultivos da espiritualidade. As experiências espirituais provocam mudanças e transformações na pessoa (STEIN, 2020).

O ego e o self estão contidos dentro de uma perspectiva da psique. Von Franz, enfatiza a importância na psique, de um centro organizador e regulador do sistema psíquico:

O centro organizador de onde emana essa ação reguladora parece ser uma espécie de “núcleo atômico” do nosso sistema psíquico. É possível denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte de imagens oníricas. Jung chamou a esse centro o *self* e o descreveu como a totalidade absoluta da psique, para diferenciá-lo do *ego*, que constitui uma pequena parte dela. Ao decorrer dos tempos, os homens, por intuição, estiveram sempre conscientes desse centro. Os gregos o chamavam de *daimon*, o interior do homem; no Egito ele estava expresso no conceito da *alma*-Ba; e os romanos adoravam-no como o “gênio” inato em cada indivíduo. Em sociedades mais primitivas imaginavam-no muitas vezes como um espírito protetor, encarnado em um animal ou um fetiche” (FRANZ, 2016, p. 210-211).

Um dos meios em que Jung descobriu e percebeu o desenvolvimento da psique é o processo de individuação e uma das formas de percebê-lo é através dos sonhos. Os sonhos são um conjunto de imagens, símbolos que emergem através do inconsciente:

Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha, mas também que são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu, além disso, que, em conjunto, os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou “o processo de individuação (FRANZ, 2016, p. 210-211).

A realidade do desenvolvimento humano acontece através de um indivíduo consciente da sua vida, suas atitudes e ações (FRANZ, 2016). A individuação acontece no cotidiano. Temos como exemplo, o que nos acomete neste momento que é a pandemia do covid-19. A pandemia é um acontecimento global que nos afetou de uma maneira tão forte, provocando mudanças drásticas, tanto na forma de pensar, quanto de agir ou se relacionar.

A respeito das juventudes, como um momento importante da vida, Franz (2016, p. 217), acredita que “para a maioria das pessoas, os anos da juventude caracterizam-se por um despertar gradativo, um estado no qual o indivíduo se torna aos poucos, consciente do mundo e dele mesmo.” A individuação é um processo humano que consiste numa harmonização do consciente com o inconsciente:

O verdadeiro processo de individuação - isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou *self* - em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do consequente sofrimento (FRANZ, 2016, p. 219).

Por isso, que a etapa da juventude se torna um momento importante na formação da pessoa, pois neste momento da vida, acontecem, algumas vezes, os mais diversos processos de rupturas, mudanças e a contínua constituição da personalidade:

É por isso que quando o indivíduo se entrega seriamente ao processo de individuação do modo que esboçamos anteriormente, ele vai adquirir uma orientação totalmente nova e diferente em relação à vida. Para os cientistas, isso significa também uma diferente maneira de abordar os fenômenos exteriores (FRANZ, 2016, p. 307).

Edinger corrobora com o pensamento da individuação como um processo. E acrescenta que, “[...] a necessidade de individuação produz um estado em que o ego mantém uma relação com o Si-mesmo sem estar identificado com ele” (2020, p. 37).

A individuação enquanto processo entrelaça com questões das juventudes e da espiritualidade. A espiritualidade é uma questão das juventudes também, pois conversar, refletir e pensar sobre a espiritualidade é uma possibilidade que proporciona um autoconhecimento, uma construção de um projeto de vida. E este projeto de vida está pautado em quê? Será que a dimensão espiritual consta como uma das pautas dos projetos de vida dos jovens? Como eles vivenciam e compreendem as experiências espirituais? Será que no sonho, ou no que o sonho nos revela, existe algo de espiritual ou de sagrado?

2.5 A Emergência da Espiritualidade a partir dos sonhos

Este capítulo trata a respeito dos sonhos, a partir do sonho de uma jovem que participou das Tendas da espiritualidade. A participante TC contou que em uma noite sonhou com as suas avós:

Eu sonhei com as minhas duas avós que já faleceram, as duas de sangue. Uma delas estava morando em Brasília, então, eu não fui no enterro dela e ficou uma coisa mal finalizada. Eu estava me sentindo mal até o momento em que eu sonhei com as duas. O sonho acontece como: É como se eu estivesse aqui na Pedro Adams, perto do hospital geral, onde eu moro e tem um barzinho na lomba e eu estava ali com os meus amigos e as duas vieram tipo abraçadas e, daí eu olhei. E eu me lembro de acordar emocionada, porque foi como um sinal de que elas estão comigo. E eu sinto saudades das duas, mas com esse sonho parece como se tivesse encerrado isso. Não vi o enterro quando eles jogaram as cinzas na praia, mas tipo foi a finalização que eu precisava.

O sonho relacionado com familiares e ligado a uma finalização é o que a participante compreende a respeito do próprio sonho. O ser humano como um ser relacional necessita de meios, estratégias ou formas para se relacionar com os outros seres. A linguagem é uma forma para se comunicar com os seres da sua própria espécie. Desta forma, “O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens estritamente descritivas” (JUNG, 2016, p. 18). Ainda, de acordo com o pensador,

[...] uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo (JUNG, 2016, p. 19).

Os sonhos são carregados de imagens e símbolos que, de uma maneira ou de outra, nos afetam, despertam interesse e, outras vezes, surgem como pesadelos. Assim, “infelizmente, é difícil compreender os sonhos, uma vez que um sonho em nada se parece com uma história contada pela mente consciente (JUNG, 2016, p. 43).

A nossa vida cotidiana trata de fatores conscientes, isso significa que estas ações, atitudes e fatores encontram-se dispostos em nossa consciência. Já o que acontece nas dimensões oníricas, isto é, em nossos sonhos, por vezes está disposto nas áreas inconscientes de nossa psique. O que abarca as dimensões conscientes e inconscientes do ser faz parte de sua psique e da sua constituição como pessoa, no que tange a sua individualidade e, também, às dimensões coletivas. Consequentemente, “nenhum símbolo onírico pode ser separado da pessoa que sonhou, assim como não existem interpretações definidas e específicas para qualquer sonho” (JUNG, 2016, p. 61).

Em um dos sonhos partilhados pelos participantes nos encontros, pode-se observar a dimensão cotidiana, tal como é a complexidade e a profundidade dos nossos sonhos. O participante LF revelou um sonho em particular, daqueles que a gente chama de pesadelo:

[...] eu tive por muito tempo esse mesmo sonho. O sonho é o seguinte: Eu estava em cima de um prédio e havia uma senhora de saia, de cabelo branco e um casaco de lã. Esta senhora conversava comigo e, em seguida, eu caía daquele prédio e acordava. Era sempre o mesmo sonho, sempre a mesma coisa. Tipo duas a três vezes por semana e que era isso que estava acontecendo na minha vida fora dos sonhos, ou seja, no mundo real digamos assim. Eu tive sonhos por muito tempo e agora não tenho mais ele, então algo mudou e ainda eu não descobri o que foi.

Esse é considerado um sonho de características recorrentes, pois aconteceu várias vezes para o sonhador:

O sonho recorrente é um fenômeno digno de apreciação. Há casos em que as pessoas sonham o mesmo sonho desde a infância até a idade adulta. Esse tipo

de sonho é em geral uma tentativa de compensação para algum defeito particular que existe na atitude do sonhador em relação à vida; ou pode datar de um trauma que tenha deixado alguma marca. Pode também ser antecipação de algum acontecimento importante que está para acontecer (JUNG, 2016, p. 62).

Os sonhos são fenômenos naturais que caminham com a humanidade. Assim, “o sonho é um fenômeno normal e natural que certamente é apenas aquilo que é e nada mais significa do que isso” (JUNG, 2015, p. 89) E algumas vezes, os sonhos não significam nada, ou seja, meras teatralizações do inconsciente. Franz (1996, p. 10) nos diz que, “uma parcela enorme dos nossos sonhos diz coisas que não queremos ouvir. [...] A base da qual se originam os sonhos parece ser, usando uma expressão vaga, a própria Natureza”.

A dimensão dos sonhos é tão importante para a vida humana e requer estudo e aprofundamento no tema, para assim ter uma interpretação adequada:

A interpretação de sonhos e símbolos requer certa inteligência. Não é possível mecanizá-la ou incuti-la em cabeças imbecis e sem fantasia. Ela exige um conhecimento sempre maior da individualidade do sonhador bem como um autoconhecimento sempre maior por parte do intérprete (JUNG, 2015, p. 91).

Para os antigos, a manifestação divina encontrava-se através de uma dimensão onírica, ou seja, através dos sonhos (JUNG, 2015). Este fato torna-se importante, pois nos possibilita a seguinte questão: Deus continua a se manifestar através dos sonhos? Que motivo se deve o fato de não percebermos e, talvez, não acreditarmos numa revelação divina através dos sonhos?

A questão surgiu no decorrer da pesquisa, pois inquietou-me e proporcionou-me espaços de diálogo e reflexões com os jovens. A questão de Deus e dos sonhos, por vezes, é como terrenos desertos em que não se deve adentrar. Talvez, estas perguntas ecoem em vossos corações, como ecoaram no meu.

De acordo com Jung (2016), as questões da nossa sociedade são marcadas por uma relação moral e racional. No momento em que tratamos a respeito da racionalidade referimo-nos à dimensão racionalista do ser humano. Ou seja, as questões dos sonhos e da própria espiritualidade são pautadas e percebidas, por vezes, como abstratas e desvinculadas da vida do ser humano:

Milhões de pessoas hoje em dia procuram saber mais a respeito de si mesmas.

Quem saber quem são, para poderem ser quem são. No nível pessoal, essa necessidade de compreender melhor nosso interior é revelada pelo crescente interesse por grupos de autoconhecimento e pela enorme afluência de livros e artigos sobre novas técnicas de auto realização (FRANZ, 1996, p. 7).

E nesse processo de busca de autoconhecimento, a dimensão onírica adentra-se na perspectiva humana, pois, nos sonhos muitas questões emergem a respeito da vida do sonhador, proporcionando inquietações, dúvidas, perguntas e transformações. Entender e compreender os sonhos impulsiona o autoconhecimento. Assim, "Os sonhos nos mostram como encontrar um sentido em nossas vidas, como cumprir nosso próprio destino e realizar o potencial maior de vida que há em nós" (FRANZ, 1996, p. 7).

Como seres humanos, buscamos sentidos para a nossa existência. Talvez aí resida o desejo profundo de se conhecer, ou buscar respostas para perguntas como *quem eu sou?*, *por que eu existo?* e *qual o sentido da minha vida?* e tantas outras. Neste desejo ou vontade pela busca de sentido para a própria vida, mobiliza-se as pessoas a irem ao encontro do seu projeto de vida. Dentre estas pessoas encontram-se os jovens. Com uma vontade grande de mudanças e transformações, por vezes, estes pautam o seu ser e agir em prol de um projeto de vida e também na busca de um sentido, enfim, de um existir. Nestas buscas de sentido, às vezes, os sonhos são meios para realização do mesmo. No entanto, Franz nos alerta (1996, p. 12) "os sonhos não nos protegem das vicissitudes, doenças e eventos dolorosos da existência".

Outro momento importante na pesquisa ocorreu quando foi questionado se os jovens tinham o costume de sonhar ou de lembrar dos seus sonhos. Alguns participantes disseram que não lembravam dos seus sonhos, porém, sonhavam. Com relação a lembrança dos sonhos, Von Franz, nos diz que, "Eu mesma, se faço muitas coisas, se vejo gente demais o dia todo, se não tenho um momento de tranquilidade, minha tendência é não sonhar. É também um problema energético: a energia [...]" (FRANZ, 2018, p. 24).

A tendência de sonhar está intimamente ligada às ações externas e cotidianas que nós realizamos no decorrer do dia. No entanto, faz-se necessário movimentos e/ou tempos de tranquilidade para restaurar a tranquilidade e a energia.

Em nosso dia a dia, encontramos muitas pessoas, o que nos leva a sentir, tocar e nos relacionarmos com as mesmas. E nestas relações, por vezes, emergem situações

emocionais positivas, outras nem tanto. No entanto, estas ações e relações fazem parte do nosso existir. A participante TC partilhou algumas questões a respeito dos sonhos e de sua compreensão sobre eles. Segue seu depoimento:

em primeiro lugar, não tenho me lembrado de nenhum sonho. Às vezes não queria sonhar com essa pessoa, e por fim, acabava sonhando. Eu penso em alguém ou eu converso com alguém antes de dormir, ou escuto comentários sobre a pessoa e, em seguida, eu sonho com ela. Numa outra fala a participante GL nos disse que costuma sonhar com bichos e com a natureza, principalmente com cobras: Tem alguns sonhos que parecem uma premonição, ou seja, o que eu sonho acontece.

2.5.1 Sonhos: imagens e símbolos da espiritualidade

Os nossos sonhos são ricos de símbolos e imagens, que por muitas vezes, não compreendemos. Neste sentido, pode-se afirmar que são um mistério para o sonhador. Os sonhos carregam sentidos, significados e muitas imagens desta forma, uma dimensão onírica e simbólica: “a palavra *símbolo* vem da palavra grega *symbolon*, que combina duas raízes - *sym*, que significa *junto* ou *com*; e *bolon*, que significa *aquilo que foi colocado*. O significado básico é, por conseguinte, “aquilo que foi colocado junto” (EDINGER, 2020, p. 157).

Portanto, nos sonhos colocamos (juntas) questões conscientes, inconscientes, expressas em muitos símbolos e imagens. Por vezes, carregam algum sentido para o sonhador, em outros momentos não fazem sentido algum. O simbolismo é um fator importante para os sonhos. Assim, “[...] um dos princípios da psicologia analítica é que os sonhos devem ser interpretados de modo simbólico, que não podem ser tomados ao pé da letra, sendo necessário procurar neles um sentido oculto” (JUNG, 1986, p. 6).

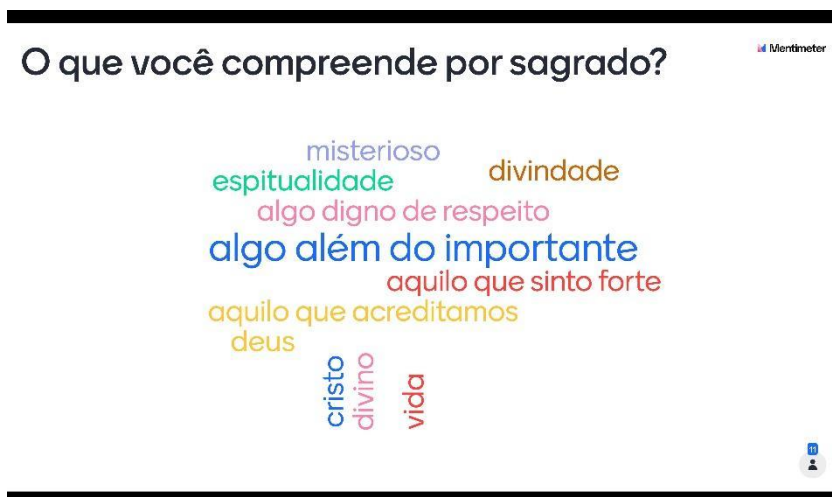
As dimensões oníricas, os símbolos e as imagens foram temas importantes que emergiram ao tratarmos sobre a espiritualidade. As imagens, símbolos e sonhos vieram à tona a partir das vivências e partilhas dos símbolos, dando um sentido e significado para a vida humana, de modo mais específico na dimensão religiosa. Conforme Jung,

O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem. Os índios pueblós acreditam que são filhos do Pai-Sol, e essa crença dá a suas vidas uma perspectiva (e um objetivo) que ultrapassa a sua limitada existência (JUNG, 2016, p. 111).

Os símbolos carregam em si uma força de crença, ou seja, uma potencialidade de crer em algo ou alguma coisa. E o símbolo torna-se importante e próximo da nossa vida cotidiana: “O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional” (JUNG, 2016, p. 18).

A compreensão a respeito do sagrado e da espiritualidade é muito complexa e, ao mesmo tempo, carrega uma diversidade de percepções e símbolos. Em um dos encontros, os jovens fizeram uma “chuva de ideias” sobre o tema do sagrado. Eis o que foi construído:

Imagem 2: chuva de ideias



Fonte: elaboração dos participantes

As compreensões a respeito do sagrado para os jovens nos trazem palavras como: Cristo, divino, vida, algo além do importante, Deus, mistério e espiritualidade. Pensar e refletir sobre o que se compreende sobre o sagrado mobilizou os jovens numa busca de totalidade e integração de si.

Quando nos esforçamos para compreender os símbolos, confrontamo-nos não só com o próprio símbolo, mas com a totalidade do indivíduo que o produziu. Nessa totalidade inclui-se um estudo do seu universo cultural, processo que acaba por preencher muitas lacunas da nossa própria educação (JUNG, 2016, p. 115).

Em síntese, os sonhos são simbólicos e, por sua vez, “Os símbolos são um produto espontâneo da psique arquetípica. Não é possível fabricar um símbolo; só é possível descobri-lo. Os símbolos são portadores de energia psíquica” (EDINGER, 2020, p.136).

De acordo com Jung (2016), não é possível compreender por completo um símbolo. Assim, como podemos tocar, sentir, e ver através de uma dimensão dos sentidos com os símbolos e com os sonhos não acontecem desta maneira.

Os símbolos nos ajudam a nos aproximar de conteúdos e dimensões do inconsciente que através de uma lógica racional é mais difícil de apreender, como podemos ver no sonho descrito por uma participante:

Sonho 01: O sonho era o seguinte: *O sonho aconteceu de noite. Eu estava em frente da rua de casa. Eu moro na Rua das Noivas. Eu estava com a minha amiga Carol. Eu sei que eu estava na rua de casa, literalmente na rua. Eu corria, não sei exatamente do que, se era uma pessoa ou um carro e eu não lembro direito. Mas era de algo que estava vindo atrás de mim. A gente pode imaginar uma sombra que vinha correndo e eu estava desesperada. Eu estava correndo, correndo e me lembro de ter chegado até o shopping, na lateral da Renner. E estava a Carol lá e eu falei para ela: “Carol, me ajuda!” Em seguida, ela pegou o carro dela e a gente foi correndo, porém, não sei para onde, só sei que chegamos num lugar. E eu falei assim: “Graças a Deus você está ali! Um carro todo preto, Fiesta. E eu disse para ela: Foge. E chegamos num lugar tranquilo! Graças a Deus nós estamos bem. Coisa assim. Só foi isso o sonho.*

Imagens 3 e 4: A sombra



Fonte: desenhos registrados e realizadas pelos participantes

Na amplificação simbólica deste sonho podemos destacar a dimensão inferior, o caráter da noite, e as questões de relacionamento. Uma imagem arquetípica simbólica do deus grego Hades. Neste sentido, ao tratar da dimensão inferior do ser humano, podemos amplificar e dizer que “a morte de um relacionamento, a morte de um modo ser, a morte de um propósito, de esperanças, ou de significados, pode nos levar a ele” (BOLEN, 2002, p.150).

Na mitologia grega “o Deus do mundo inferior e o domínio que ele rege eram ambos chamados Hades. Era o “deus invisível”, por ser menos personificado e menos conhecido de todos” (BOLEN, 2002, p. 149). O mito de Perséfone menciona o deus grego Hades

O rapto de Perséfone é o único mito significativo de Hades. Hades desejava Perséfone para noiva e, com o consentimento do pai dela, Zeus, raptou a jovem virgem. Ela colhia flores numa campina com suas companheiras e afastou-se um pouco, atraída por um maravilhoso narciso de múltiplas pétalas, que fora criado especialmente para encantá-la. Ao estender a mão para colhê-lo, a terra se abriu à sua frente e de dentro da fenda escuta saiu Hades em sua carruagem, puxada por possantes cavalos negros. Hades agarrou a virgem aterrorizada, que gritou pedindo ajuda a Zeus, seu pai, que, sabendo de tudo o que iria ocorrer, ignorou seus gritos (BOLEN, 2002, p.154).

Assim, a simbologia encontrada a respeito de Hades é relacionada ao mundo das Trevas (SOUZA, 2017), ao mundo inferior:

A mítica grega apresenta o mundo de Hades ou mundo das Trevas como sendo o território de domínio de Plutão, irmão de Zeus e Posídon, todos filhos de Crono e Reia. Após a deposição de Crono por Zeus, o Cosmo foi assim dividido: Posídon recebe os mares; Zeus, o Olimpo, comandando deuses e mortais vivos; Hades ou Plutão, o mundo dos Mortos; porém, na superfície da Terra, todos podiam reger (SOUZA, 2017, p.64).

Poderíamos amplificar simbolicamente o arquétipo de Hades à medida que se refere a uma dimensão de exclusão, ou seja, de reclusão, como afirma Bolen (2002). A inexistência do outro leva o ser ao isolamento e a exclusão da necessidade de uma relação com os outros: “O recluso humano que se retira para o isolamento, sem se importar com o que se passa no mundo ou nem perceber essas coisas, leva existência de Hades” (BOLEN, 2002, p. 158). Outro tipo de arquétipo é o arquétipo do Hades como Plutão, o arquétipo rico (BOLEN, 2002):

Hades, o Plutão recluso, é, porém, uma parte “que falta” em muitas pessoas, que não valorizam as oportunidades de ser introvertidas da maneira que este arquétipo possibilita. Os introvertidos podem viver, em sua vida interior, em contato com suas próprias reações particulares às experiências externas. [...]Pode ser muito enriquecedor ter Hades como uma parte da natureza psicológica. Hades, o recluso, é fonte de criatividade que pode ser expressa por meio das artes, geralmente as artes visuais (BOLEN, 2002, p. 159).

Para a psicologia junguiana o reinado de Hades tem a dimensão pessoal e a dimensão coletiva. Segundo Bolen (2002, p.151), “no mundo inferior do inconsciente coletivo existe tudo aquilo que podemos imaginar vir a ser, e também tudo o que já foi.” Além disso, o estudioso constata que

O reino de Hades é o inconsciente, tanto em sua dimensão pessoal como na coletiva. É lá que residem as memórias, os pensamentos e os sentimentos que reprimimos, tudo o que é doloroso ou vergonhoso demais, ou inaceitável aos outros [...] (BOLEN, 2002, p. 151).

As nossas memórias, sonhos, sentimentos e emoções, algumas vezes, são manifestadas através dos sonhos. É nesse sentido que a amplificação simbólica consiste num conceito importante na metodologia junguiana, pois possibilita refletir e pensar sobre o sonho, a vida e as escolhas que fazemos:

Cada pessoa aprende de jeito próprio que escolhas lhe são pessoalmente mais significativas. Hades por meio de sensações corporais, reações viscerais, vozes interiores, imagens visuais, para que conheçamos qual é nossa verdadeira reação pessoal a algo ou alguém. Quando é o caso de tomar decisão pessoal realmente importante na vida, o fato subjetivo é de importância decisiva. E é isso que Hades pode nos oferecer (BOLEN, 2002, p. 161).

As nossas escolhas precisam ser definidas a partir de um olhar subjetivo e de uma reflexão que a própria pessoa faz. Pode-se considerar, ainda a respeito do sonho relatado, que o inconsciente esteja mobilizando a jovem a tomada de uma decisão, uma escolha. E que somente ela pode escolher. No entanto não significa que se não se possa ter pessoas que nos ajudem a refletir a respeito das nossas escolhas. Porém, quem escolhe é somente o próprio ser. Com as nossas escolhas, aprendemos sobre a tomada de decisão. Na dimensão do desconhecido no sonho, percebemos o relato de uma sombra que persegue a jovem na rua. E tratar sobre o tema das sombras nos causa temor, medo e mistério.

Na psicologia junguiana, o conteúdo “das sombras” é duplo. A sombra contém aquelas partes de nós que são inaceitáveis a nós ou à nossa noção “do que os outros pensarão” se souberem. Por isso, ocultamos esses pensamentos, atos e atitudes[...]. Não obstante, o conceito junguiano de sombra inclui também material “positivo”, potenciais positivos quais e se tornando conscientes, elementos que ainda não vieram à luz e que, portanto, continuam nas sombras. Esse material corresponde aos tesouros enterrados no plano inferior, associado a Hades” (BOLEN, 2002, p. 165).

Sonho 02: O relato que segue é o da jovem participante GL enfatizando um sonho com um animal muito perigoso. *Eu vou contar o sonho mais recente que é o sonho da cobra. Eu só lembro assim que, eu estava no meu quarto deitada na minha cama. Aí eu só ela assim subindo a parede. Eu não me lembro da minha reação, só me recordo que estava vendo-a subir pela parede. Eu não lembro se fiquei com medo. A cobra estava na minha frente e eu estava deitada. Teve outro sonho com uma cobra que eu me lembro. Ela veio assim no meu rosto e fiquei muito assustada, tanto é que acordei. Gente eu sonho muito com cobras.*

Na amplificação simbólica deste sonho podemos trazer o símbolo da serpente, que pode remeter à questão das mudanças numa perspectiva de novas atitudes. Jung (1928-

1930) nos ajuda a amplificar o símbolo da serpente, contando-nos uma história a respeito da serpente e seu significado:

O nascimento de uma nova atitude tem um longo pano de fundo histórico. Há um mito negro que conta sobre um tempo em que todos eram imortais e cada um podia tirar fora sua pele. Um dia todos estavam tomando banho e uma velha mulher perdeu sua pele; ela morreu, e é assim que a morte veio ao mundo. Por analogia, as pessoas precisam se comportar como serpentes, pondo fora as velhas vestes (JUNG, 1928-1930, p. 76).

Sendo assim, algumas vezes, a cobra, nos sonhos, significa uma mudança, uma busca de uma totalidade:

O caminho rumo à totalidade psicológica se dá por uma sucessão de transformações que lembram a troca de pele da serpente, outro processo natural cujo significado simbólico foi reconhecido por todas as culturas (STEIN, 2019, p. 119).

Ainda, acerca da imagem da serpente ou cobra, pode-se refletir sobre o quanto é arquetípica para a humanidade, desde a figura da serpente encontrada no livro do *Genesis* até a atualidade. Tanto é que continua a se fazer presente no nosso inconsciente. Segundo Jung, “os arquétipos são os recipientes primordiais nos quais vocês expressam qualquer coisa mental ou psicológica” (JUNG, 2017, p. 104).

É importante salientar que arquétipos pertencem “à estrutura do inconsciente coletivo, mas como o inconsciente coletivo em nós mesmos, é também uma estrutura nossa. É parte de uma estrutura básica de nossa natureza instintual” (JUNG, 2017, p. 101). Assim, a serpente, ou a cobra, pode ser considerada uma imagem arquetípica.

Amplificando ainda a dimensão onírica do sonho da jovem, e no que tange à imagem da serpente, pode-se considerar a ligação com a dimensão criativa do ser. Pode-se trazer como exemplo o seguinte sonho:

[...] e o sonho arquetípico de Kekule, de uma serpente mordendo a própria cauda, que lhe revelou a estrutura do benzeno, um composto químico formado por um anel de átomos de carbono. Todos esses sonhos sugerem uma forte ligação entre o sonhar e a criatividade (STEIN, 2019, p. 207).

Toda a imagem arquetípica tem sua função instintiva e simbólica, quando o arquétipo se refere aos bichos, cobras, serpentes ou aranhas, como no sonho anterior.

Este tem uma conexão pela dimensão instintiva e é tão importante quanto a simbólica. No entanto, a partir de uma perspectiva junguiana não se deve deter, travar, ou bloquear a imagem arquetípica que pode ser instintiva como a da serpente, como também simbólica. Não se anula o instinto, deixa-se que este vá se manifestando como imagem, ou seja, uma manifestação arquetípica.

A criatividade é uma ação humana que confere ao sujeito a capacidade de ir além de si mesmo para realizar o que se deseja. Pode-se dizer também que é a possibilidade de descobrir-se e desvendar o mistério de ser e de existir:

A serpente era considerada boa e Javé mau. Psicologicamente, a serpente é o princípio da *gnosis*, do conhecimento ou da consciência emergente. A tentação da serpente representa a necessidade de autorrealização do homem e simboliza o princípio da individuação (EDINGER, 2020, p. 36, grifo nosso).

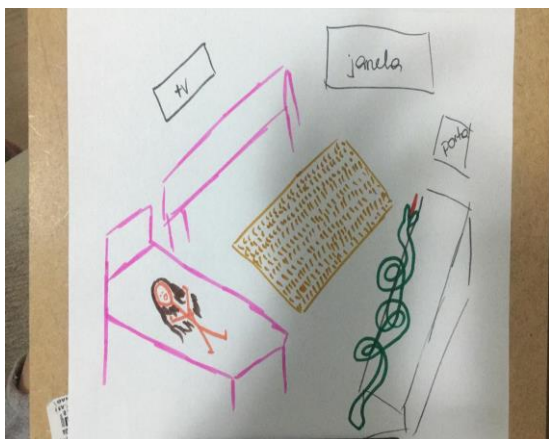
A imagem arquetípica da serpente é uma imagem histórica. Assim como Edinger (2020), nos afirmou na citação anterior associando-a ao processo de individuação do ser, quando esta aparece em nossos sonhos:

Quando a serpente se recolhe para mudar de pele, significando a renovação, o renascimento e a imortalidade, a escama ocular torna-se leitosa, assumindo por vezes um tom azulado quase etéreo, como se a serpente entrasse num estado meditativo e tivesse acesso a sabedoria além da nossa (MARTIN, 2020, p. 194).

O processo de transformação e renovação é um processo humano e se faz necessário em nossa vida. Pode-se referir também ao momento em que a jovem ou o jovem esteja passando por transformações, renovações em que se acredita. A serpente, segundo Martin (2020), é o símbolo da morte e, também, da vida, pois possibilita o renascimento e transformação do ser:

Facilmente mitificada como a imagem da aniquilação-aterradora, hipnótica, auto-suficiente e com a velocidade de um relâmpago – a cobra é, ainda assim, tanto um emblema da imortalidade como é da morte, porque o tempo se desenrola pela eternidade que, mais uma vez, dá à luz o próprio tempo (MARTIN, 2020, p. 198).

Imagens 5 e 6: “A serpente”



Fonte: registradas e realizadas pelos participantes

A perseguição de um animal, manifestada através de um sonho foi o que a participante GL, compartilhou num dos encontros das Tendias:

O sonho bastante comum em que o sonhador é perseguido por um animal indica, quase sempre, que um instinto se dissociou da consciência e deve ser (ou está tentando ser) readmitido e integrado na vida do indivíduo. Quanto mais perigoso o comportamento do animal do sonho, mais inconsciente é a alma primitiva instintiva do sonhador e mais imperativa é a sua integração à sua vida para que seja evitado algum mal irreparável (JAFFÉ, 2016, p. 322).

2.5.2 Argila e sonhos: imagens simbólicas da espiritualidade

“Levanta-te, desce à casa do Oleiro, pois lá te farei ouvir minhas palavras” (Jr 18,2).

Viver é existir e sentir. Muitos movimentos dentro de uma pesquisa cartesiana deixam de lado as dimensões do sentir. Conforme Mendonça (2016, p. 46), “a vida requer a paciência do oleiro que, para fazer um vaso que o satisfaça, faz duzentos só para treinar o gesto, a habilidade, para testar a sua ideia.” O oleiro trabalha com uma arte de características simbólicas, no qual busca o sentir. O sentir e o tocar foram pressupostos da pesquisa. Portanto, o que sentimos e percebemos é o vivido. Neste sentido, “do sentir-

se vivo é que surge a percepção do Si-mesmo, de um sentimento de vida” (MENEZES, 2008, p. 218).

Na percepção do Si-mesmo, existe a possibilidade de criar, de mobilizar mudanças, transformações em si mesmo:

Criar é viver. Quem vive, cria. Criar é instalar o novo, sabendo que nesse instante se tornou velho. Criar é pegar o velho e explicá-lo de novas maneiras. Criar é transcender o novo e o velho. Criar é ir fundo dentro de si mesmo, aceitar-se como criatura e movimentar-se como criador (MENEZES, 2008, p. 219).

Neste caminho de pesquisa tratamos de muitos temas pertinentes a respeito da espiritualidade. Como simbologia, os participantes trabalharam com a argila. A argila foi um elemento fundamental para a construção e processos de partilha. O objetivo foi “sentir a intimidade com a argila, submergir a alma” (SIGNOR, [201-], p. 26).

A argila é como um mistério, algo a ser criado e descoberto. É um movimento de criação que nos proporciona um contato consigo mesmo, nos traz emoções, sentimentos e a novidade do que será criado. É o encontro com o mistério e a diversidade. Assim, “a argila é um deflagrador das emoções e da verdade interna de cada ser que se deixa sensibilizar-se” (GÓIS, 2008, p. 220). Também de acordo com Guimarães, “a argila é um material simbólico, e que ao ser manuseada, também por ser maleável, possibilita um contato com o mais íntimo de cada ser” (2019, p. 64).

O trabalho com a argila nos possibilita entrar em contato com o simbólico e com a novidade. O simbólico nos proporciona a experiência de estar vivo, de estar em contato com a nossa existência. O sentir e o estar em contato com a argila nos proporcionam uma nova experiência que está por vir. Uma experiência misteriosa que nos traz imagens e símbolos (GÓIS, 2008).

Neste sentido, se trabalhou com a argila possibilitando aos participantes um contato mais íntimo e profundo consigo mesmos.

Nesta primeira obra, o participante evidenciou na sua criação um dos sonhos que partilhou num dos encontros anteriores, no qual se encontrava com uma senhora de idade, denominada por ele de “velha”.

Nesta criação tem duas pessoas em cima no prédio. Eu fiz porque me marcou de certa forma tão forte. E um sono que eu ainda não entendi o porquê. O importante

ressaltar sobre este sonho é que eu tive toda a semana esse sonho, quando mais jovem. E de uma hora para outra ele simplesmente sumiu. Eu nunca mais tive este sonho. Então, alguma coisa mudou em mim e eu não descobri o que foi ainda. É uma coisa que me marcou bastante.

Trabalhar com argila é possibilitar as dimensões simbólicas, ou seja, conscientes e inconscientes dos participantes. A partir disso,

A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) [...]. De fato, todo o cosmo é um símbolo em potencial (JAFFÉ, 2016, p. 312).

Imagem 7: A Velha



Fonte: Registrada pelo participante

Trabalhar com a argila nos proporciona experiências únicas, a exemplo do participante que decidiu criar uma imagem a partir da lembrança do sonho relatado. Tocar na argila nos faz rememorar a infância, a simplicidade. E também alguns sentimentos e emoções que estão guardados em nossa memória.

Os sonhos impactam de uma forma a nossa vida, que nos fazem expressá-los através da fala, da escrita e de uma criação com a argila. De uma certa forma, trabalhar

com a argila é tornar sensível e real o sonho. E aproximar cada vez mais o sonho da pessoa, dar um significado para o sonhador.

A segunda obra é intitulada “Laços”. A participante fez uma família em um sofá: *Nestes dias eu sonhei com os meus padrinhos. Faz tempo que eu não os vejo, acredito que desde março. Daí eu sonhei. Normalmente não passamos o meu aniversário longe. O meu padrinho é piloto de avião, logo, ele viaja bastante. Então, é isso, estou com saudade deles. Eu era o amor deles* (Participante TC).

Na partilha desta jovem assim, como na sua criação, podemos perceber que, “Cada vez que o indivíduo toca na argila e cria algo, está criando a si mesmo. Qualquer coisa nova surge. Cada escultura é a sua emoção realizada (MENEZES 2008, p. 221). A obra se torna para o seu criador algo único, singular, e o criador dá sentido e significado para o que foi criado, portanto, “transmitir o sentido da própria vida como um fenômeno único de criação.” (GUIMARÃES, 2019, p. 65)

A família é o espaço em que as emoções e os sentimentos emergem, neste caso, de amor e de saudade. O trabalho com a argila evocou na jovem participante o amor e sentimento de saudade pelas pessoas que ama.

Imagem 8: Laços



Fonte: registrada pelo participante

A participante NR deu o nome para a sua obra: *Família*. A sua obra foi uma representação de um sonho:

Eu tive um sonho recentemente com meu avô, eu vi que a gente estava conversando assim. Um sonho bem estranho assim no real, sabe! Mas foi um sonho bom! Assim nós estávamos brincando, como se eu estivesse vivendo aquilo que eu vivia quando era criança, sabe! Eu lembro um pouco do sonho da gente que estávamos sentados. E, eu ali conversando com ele. Eu fiz eu pequena e ele ali sentado na pedra. Eu tive esse sonho recentemente. Eu queria representar uma menina.

Imagem 9: Família



Fonte: registrada pelo participante

Com a argila podemos voltar a ser crianças, uma experiência de fazer brincadeiras, de conversar e relembrar momentos bons que vivemos. O contato com a argila aflora os afetos e a ação de criar. No processo criativo podemos inovar e dar asas à imaginação.

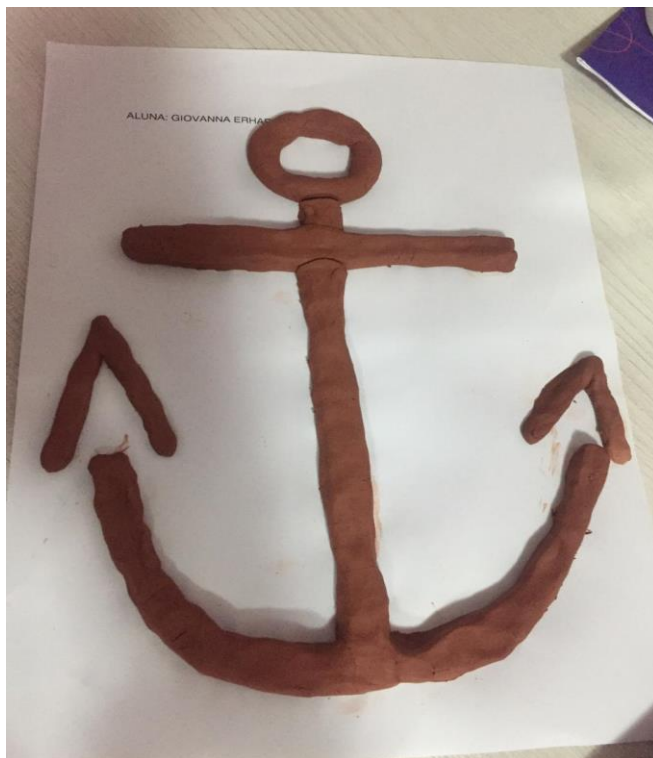
Ao ser manipulada há a possibilidade de criar, recriar, fazer, refazer, transformar, moldar, imaginar, concretizar o imaginário, o sentimento, o pensamento, enfim, através dela envolve-se a vida numa sintonia com o simbólico, o inconsciente tornando-se consciente (GUIMARÃES, 2019, p. 64)

O nome da minha obra é: *A esperança*. A participante GL decidiu criar um símbolo. Ela nos disse que,

este símbolo significa força e tranquilidade, esperanças e fidelidade. Na bíblia também se fala sobre a âncora em hebreus. Então pode estar relacionado com os sonhos. Eu estive nessa semana um pouco desanimada.

Então além de representar a relação com Deus, significa os meus sonhos e que muitas vezes me dão esperança.

Imagem 10: A esperança



Fonte: Registrada pelo participante

O participante YB criou a obra que deu o nome de *Futuros desejos*.

Talvez seja um sonho que eu queria que se realizasse futuramente. Criei a primeira coisa que surgiu na cabeça. O primeiro eu fiz um gato. Outro objeto que fiz para entender é o símbolo de um carro. Eu só tive sonhos de batidas com carros e ônibus. Espero que não seja o sinal do meu futuro.

Imagem 11: Futuros desejos



Fonte: Registrada pelo participante

Criar com a argila possibilitou aos jovens habitar na argila, ou seja, experiência de amor e cuidado do criador da obra com o que foi criado. Portanto, uma relação de afeto pelo que foi moldado (GUIMARÃES, 2019). A participante GP idealizou o símbolo complexo: “eu criei diversos símbolos. Só sei que deixei fluir e ia fazendo naturalmente”.

Imagem 12: Símbolos complexos



Fonte: registrada pela própria autora

Com o advento da modernidade, o conhecimento baseou-se numa relação de sujeito e objeto. As dimensões espirituais, oníricas, simbólica e de sentido da vida foram

sendo deixadas de lado. Esse processo pode ser considerado uma alienação e, segundo Edinger (2020, p. 133), “um dos sintomas da alienação na idade moderna é o sentimento disseminado de falta de sentido”.

Os símbolos dão sentido à vida, ou uma significância no nosso existir. Nessa relação de ser e existir é que o símbolo produz sentido. Desta forma, “[...] o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos” (JUNG, 2016, p. 21).

Os símbolos são produzidos na nossa vida, de forma consciente ou inconsciente. Assim, “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato” (JUNG, 2016, p. 19).

Ainda a respeito dos símbolos,

o símbolo é um objeto do mundo conhecido que sugere alguma coisa desconhecida; é o conhecimento expressando vida e sentido do que é inexprimível. Mas nos quadros somente abstratos o mundo conhecido é completamente afastado. Nada resta que permita lançar uma ponte para o desconhecido (JAFFÉ, 2016, p. 357-358).

O mundo necessita ser conhecido, tal como a pessoa tem uma necessidade ou sede de autoconhecimento e descobertas de si. Uma das formas é através dos símbolos e signos. Ou seja, os símbolos e signos são ferramentas que o ser humano utiliza para uma apreensão de si e do mundo:

O homem necessita de um mundo de símbolos, assim como necessita de um mundo de signos. Tanto o signo como o símbolo são necessários, mas não devem ser confundidos entre si. O signo é uma unidade de significado que representa uma entidade *conhecida*. Com base nessa definição, a língua é um sistema de signos, e não de símbolos. O símbolo, por outro lado, é uma imagem ou representação que indica algo essencialmente desconhecido, um mistério (EDINGER, 2020, p. 135).

A espiritualidade como uma experiência religiosa é uma vivência que nos mobiliza a ir ao encontro, ou por vezes, nos religa, se conecta a uma dimensão transcendente ou divina. A espiritualidade como reconexão foi percebida numa das partilhas e conversas com os jovens.

A relação da espiritualidade com o sagrado é uma relação da experiência humana. De acordo com Otto (2007), o sagrado é compreendido como uma experiência numinosa

do ser humano. E esta experiência exige uma mudança e transformação do ser. Esta mudança pode ser requerida ou revelada através dos sonhos. Deste modo,

Uma atitude religiosa, em termos psicológicos, tem como base uma experiência do *numinosum*, isto é, do Si-mesmo. Mas é impossível para o ego a experiência do Si-mesmo como algo distinto, já que o ego está inconscientemente identificado com o Si-mesmo (EDINGER, 2020, p. 71).

As questões da espiritualidade ligadas a uma questão da busca de um conhecimento, mostraram a importância de se conhecer e do processo de individuação e a experiência numinosa.

[...] as experiências numinosas eram de suma importância para a individuação, como ele próprio afirma na carta a P. W. Martin citada acima. Em sua obra tardia *Memórias, Sonhos, Reflexões*, ele se refere a elas quando escreve: Os anos em que estive em busca de minhas imagens interiores foram os mais importantes da minha vida- neles, foi decidido tudo o que é essencial." Trata-se de uma referência ao período do "confronto com o inconsciente (STEIN, 2020, p. 48-49).

3 METODOLOGIA

A pesquisa pretendeu tecer um caminho metodológico qualitativo. E “os métodos qualitativos de pesquisa propõem uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos” (PENNA, 2004, p. 79).

Dentro da abordagem interpretativa dos fenômenos buscou-se uma compreensão dos conhecimentos e das experiências vividas. Uma experiência única que provocou transformações acerca das compreensões sobre a espiritualidade e a vida. Portanto, um dos motivos pela escolha da pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente (PENNA, 2004, p. 80)

É importante ressaltar que a pesquisa qualitativa proporciona o movimento interpretativo e dialético dos fenômenos. Uma fenomenologia de sentimentos e emoções proporcionadas pelas experiências. Assim sendo, “a fenomenologia reconhece que toda intuição primordial é uma fonte legítima de conhecimento.” (SIGNOR, [201-], p. 6). E no processo de pesquisa qualitativa “a relação entre sujeito e objeto – pesquisador e fenômeno – é uma relação dialética e simbólica, em que sujeito e objeto participam ativamente do conhecimento” (PENNA, 2004, p. 85).

Na pesquisa foi utilizada a metodologia fenomenológica junguiana, pois propôs uma investigação e construção do conhecimento, em que levava em consideração os participantes do processo de pesquisa. Assim,

[...] a metodologia junguiana propõe um método de investigação dos fenômenos que inclui tanto uma perspectiva subjetiva quanto objetiva da realidade psíquica, e permite que sejam conduzidas pesquisas no nível pessoal e no nível coletivo (PENNA, 2004, p. 86).

O tema foi provocado para ser vivenciado através de textos, conversas, argila e desenhos através de oficinas denominadas, tendas da espiritualidade. Portanto, a proposta de pesquisa foi criar uma roda de conversa, existem uma diversidade de significações e significados sobre as tendas para a humanidade. Menezes e Síveres

(2013, p. 267) afirmam que, “existem tendas para morada e outras para passagem. Existem tendas habitadas e outras vazias. Existem tendas para uma roda de conversa e outras para o silêncio. Existem tendas para a convivência e outras para a solidão”.

Os sujeitos da pesquisa foram 6 jovens na faixa etária dos 18 aos 25 anos, oriundos dos grupos de jovens da PJM de um colégio Marista de Novo Hamburgo da Rede Marista.

O grupo de jovens chama-se *Unidos pela felicidade partilhando valores amor e compromisso* (unifepva.com), teve seu início no final do ano de 2015. Este é um grupo que faz parte da Pastoral Juvenil Marista, (PJM) da Rede Marista.

O grupo tem uma caminhada grupal, ou seja, eles não foram constituídos com a finalidade da pesquisa. Eles já tinham a sua vivência, os seus encontros, suas partilhas, enfim, sua vivência grupal. Antes da pandemia, o grupo se reunia de maneira presencial, quinzenalmente ou mensal. Com a pandemia teve-se a necessidade de reestruturar os encontros. Os encontros a partir destes acontecimentos passaram a ser online, através de uma plataforma *Microsoft Teams*. Se encontram mensalmente. Os temas abordados nos encontros das tendas da espiritualidade foram: *O eu e a espiritualidade; O sagrado e as suas compreensões e as experiências espirituais; “o sonho e a espiritualidade”, por último, a criação de um símbolo com argila, como obra síntese*. Estes encontros foram sendo construídos a partir das vivências e dos encontros.

Dentro de um processo metodológico é importante ressaltar que “O questionamento dos pressupostos básicos da ciência moderna conduz a um processo de reformulação no método científico, dando origem a uma vertente na ciência que privilegia a metodologia qualitativa de pesquisa” (PENNA, 2004, p.74).

É na caminhada de um grupo que emerge uma diversidade de experiências em que os participantes estão envolvidos, e nestas experiências vão se constituindo como pessoas se autoconhecendo.

Na caminhada do grupo, à medida que o jovem vai se conscientizando do seu processo de crescimento na fé, é necessário cultivar valores da acolhida e da confiança [...] de modo que seu significado se transforme em atitudes (UMBRASIL, 2008, p. 15).

E são estas experiências e vivências que serão suporte teórico para uma discussão e reflexão sobre a espiritualidade. Utilizou-se como ferramentas de apreensão dos

fenômenos a gravação dos encontros, fotos, símbolos criados pelos participantes e também os sentimentos e as falas dos mesmos, enfim, no momento em que se partilha a vida ou fatos da vida, possibilita-se um movimento espiritual. Para dar conta desta demanda de pesquisa utilizei algumas etapas metodológicas da pesquisa qualitativa.

Os caminhos da pesquisa, no processo metodológico, constituíram-se como um processo dialético de construção desta investigação. Portanto, primeiramente pesquisei materiais bibliográficos acerca do tema e também de pensadores e pesquisadores referências. Em seguida, elaborei um projeto de pesquisa que foi submetido a uma banca de qualificação. Esta banca posicionou-se positivamente sobre a minha proposta de pesquisa e enfatizaram a importância de tratar sobre a espiritualidade. Sugeriram também que fosse submetido ao comitê de ética. A partir disso, foi submetido o projeto de pesquisa ao comitê e, logo após o recebimento da aprovação do comitê de ética, iniciei os encontros das tendas da espiritualidade. Os sujeitos da pesquisa foram seis jovens oriundos de um grupo da PJM de um colégio Marista. Os participantes autorizaram a pesquisa através do TCLE. Os encontros foram realizados no formato online através da plataforma *Microsoft Teams*.

Cada encontro teve a duração de 1 hora e 30 minutos. As tendas foram momentos e espaços dedicados para partilha de vida, de experiências e compreensões acerca da espiritualidade e dos temas que emergiram a partir das partilhas. As dinâmicas que aconteceram nos encontros buscaram fazer uma ligação entre os marcadores teóricos da espiritualidade.

Os encontros foram gravados para assim, auxiliar no processo de pesquisar e rememorar o que foi vivido nos encontros, tais como: pensamentos, frases, sentimentos e o que surgir nos encontros.

Além, do percurso acima citado, a partir da realização das atividades nas tendas da espiritualidade trabalhei com a apreensão dos fenômenos e a compreensão dos dados produzidos. Portanto, para a apreensão dos fenômenos e compreensão dos dados de uma pesquisa qualitativa, Penna nos diz que (2004, p. 86),

Os métodos qualitativos de investigação compreendem duas grandes etapas, quais sejam: coleta de material ou apreensão dos fenômenos a serem investigados e análise do material ou compreensão dos dados coletados.

Estes dois métodos qualitativos de investigação ajudaram-me nos processos seguintes de pesquisa que proporcionaram espaços de discussões a partir das compreensões dos participantes da pesquisa.

No primeiro encontro das tendas da espiritualidade explicou-se a proposta de pesquisa e como seriam dinamizados os encontros, foi um encontro de sensibilização. Neste primeiro momento trabalhamos com músicas, partilhas de vida e emergiram aspectos importantes para a pesquisa, tais como; a importância da constituição do eu, de um processo de constituição da personalidade, a casa, como sendo um espaço importante para a vida de cada pessoa, isto é, um lugar sagrado e a dimensão dos sonhos e a espiritualidade.

No segundo encontro, fizemos a memória do encontro anterior e quais os momentos e falas importantes. Em seguida, utilizou-se a Plataforma Menti³ para fazer uma nuvem de ideias, a respeito da espiritualidade: *O que vocês compreendem sobre o sagrado/espiritualidade e que foram os momentos importantes na vida, pode ser experiências que vocês consideram.* O que foi marcante neste encontro foi como as experiências de vida dos jovens. A relação com o outro é fundamental para uma experiência religiosa, ou melhor, o sagrado é perceptível nas relações humanas. Tal como nos momentos de alegria e de tristeza e sofrimento. Os encontros aconteceram dentro de um contexto de pandemia. Portanto, se ressaltou experiências de alegria.

O terceiro encontro consistiu num espaço de partilha sobre sonhos, as suas compreensões sobre o mesmo e como relacionamos os sonhos com a temática da pesquisa. Esse caminho produziu uma emergência de símbolos e uma reflexão sobre a emergência da espiritualidade a partir dos sonhos, tema este que provocou uma amplificação para o aprofundamento deste estudo.

No quarto encontro, os participantes criaram um símbolo ou relataram um dos sonhos através da argila. A proposta foi bem aceita pelos participantes, e a partir destas criações, no momento em que estes iam criando, ou seja, dando uma forma para a argila. Concomitantemente, fomos conversando sobre a vida, sobre as nossas experiências e como fomos percebendo os nossos encontros.

³ Disponível em: <https://www.mentimeter.com/>

Tanto o trabalho com argila e com os sonhos produziram o entendimento dos símbolos e arquétipos para a amplificação simbólica, conforme foi descrito no decorrer do trabalho, colaborando para o aprofundamento da relação entre sonhos, argila, símbolos e espiritualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar toda a trajetória de estudo consegui reafirmar o quão importante é a dimensão da espiritualidade como um tema sensível e simbólico para a pesquisa e para as juventudes. Diante disso, é importante inferir a respeito do processo de pesquisa o que foi emergindo, sentimentos, falas, escritas e rescritas, enfim um processo de devir.

No decorrer da pesquisa, houveram vários momentos de desconstrução, seja com as ideias de pesquisa como: análise de dados, resultados e, até mesmo na metodologia. No entanto, é importante dizer que estou construindo um novo pensamento com um rigor, uma sistematização, de uma ordem simbólica e sensível.

Dessa forma, as práticas nas tendas das espiritualidades tiveram como objetivo compreender a espiritualidade como uma experiência que acontece na vida jovens. E neste sentido, buscou-se proporcionar espaços de diálogos e escuta sobre a temática e a vida. Para que assim pudesse embasar teoricamente as questões da espiritualidade a partir das emergências percebidas nos encontros.

No contexto atual de pandemia que estamos vivenciando, trabalhar, estudar, refletir e vivenciar aspectos que tangem uma dimensão espiritual para o ser humano foi de suma importância, pois, nos possibilitou fazer novas experiências de autoconhecimento, de reflexão sobre o sofrimento e retomar vários aspectos da vida dos jovens participantes, tal como projetos de vida, sonhos e tantos outros assuntos.

Este estudo foi sendo construído no decorrer do processo. Neste processo assumi diversas atitudes, algumas vezes de construção de pensamentos, porém, outras vezes atitudes de desconstrução a respeito do ato de pesquisar, de sistematizar e organizar o pensamento. Assumi uma atitude investigativa de compreender e perceber a metodologia junguiana como um processo de pesquisa que proporciona uma reflexão inovadora, sensível e simbólica.

A pesquisa teve uma mudança qualitativa na simbolização da metodologia a partir dos sonhos e, importante ressaltar que foi emergindo dos jovens. É importante trazer que os aspectos oníricos foram questões que os próprios jovens trouxeram nos encontros. A partir disso, destas emergências os jovens falaram mais da espiritualidade, não somente numa perspectiva racionalista, mas sim, sensível.

Quando se muda de atitude para um novo processo de reformulação abre-se um espaço a novidade, a descoberta e, incertezas. No início da pesquisa tive muitas certezas, conhecimentos e pensamentos que considerava como certos, posturas dogmáticas. No entanto, tive a oportunidade de ir percebendo a novidade e a incerteza como possibilidades de construção de uma reflexão sobre o conhecimento, pensamento e a espiritualidade na vida dos jovens. Assim, a pesquisa foi tecida através de incertezas.

O estudo foi sendo construído com um aporte teórico da complexidade, pois, *complexus* é um processo de tecer junto o conhecimento, a vida e os valores. Essa atitude exigiu leitura, escritas, reescritas, inquietações, dúvidas. Enfim, um processo de compreensão sensível que exigiu uma atitude criativa que foi sendo adotada tanto pelo pesquisador como pelos participantes.

Quando se estuda a metodologia junguiana percebe-se a importância do trabalho simbólico. Não é simplesmente tratar de palavras que somente estão sendo ditas, mas é um processo de se respeitar o que está sendo dito, e acolher a simbolização do pensamento e da espiritualidade, símbolos que abarcam sonhos, sentimentos, emoções, enfim, abarcam vidas. Contudo, percebeu-se que no estudo a dimensão espiritual emergiu nas conversas, nas partilhas de vida e nos sonhos. A partir disso, consegue perceber a amplitude e significância desta metodologia para a pesquisa. A escolha da temática foi uma escolha acertada que me mobilizou e continua a mobilizar muitos pensamentos.

Portanto, foi na pesquisa que o pensamento simbólico foi sendo constituindo. Assim, observei o quanto os sonhos e a argila produzem um material ativando as emoções nos jovens e uma possibilidade de partilha. Foram emergindo falas mais significativas e enraizadas nas emoções, como se os jovens fossem se abrindo para constituir significados a partir das imagens e símbolos que emergiam. Uma pesquisa que uma ação leva a outra ação, uma relação que ultrapassa a noção de sujeito e objeto.

Numa perspectiva de olhar para o passado, um dos intuitos de pesquisar a questão da espiritualidade e juventudes era de perceber como a espiritualidade aparece na vida dos jovens? E como estes a vivenciam e as compreendem. Neste sentido, com a pesquisa enfatizou-se que a espiritualidade é vivida na vida, ou seja, no dia a dia, no

cotidiano das relações, com os familiares, amigos, com relações as questões alegres do viver, e também, nas questões de perda, luto, nas questões de fé, no ato de acreditar.

A pesquisa fenomenológica e sensível possibilitou-me uma atitude de não separação do sujeito para com o objeto, e sim, uma atitude em que o pesquisador se encontrou incluído no processo de pesquisa. A metodologia junguiana proporcionou espaços e reflexões na pesquisa para com os jovens. Tanto o pesquisador e a pesquisado foram sendo constituídos no decorrer dos encontros e com o grupo.

Os dados na pesquisa foram compreendidos como uma apreensão fenomenológica. A apreensão dos dados da pesquisa seriam o que os participantes da pesquisa foram produzindo, como por exemplos, os sonhos, o relato dos sonhos, as argilas, os desenhos, e a própria fala dos jovens em si, é uma forma de abordagem compreensiva e interpretativas dos fenômenos da pesquisa. E isso se fundamentou teoricamente nas construções teóricas.

A pesquisa proporcionou uma experiência significativa para os jovens, que em alguns momentos dos encontros, foram considerados, algo misterioso, e também até sem explicação racional. O mistério esteve relacionado com uma dimensão do espiritual, do sagrado. De uma certa maneira, o que nos espanta, nos desacomoda e nos faz buscar respostas e experiências.

Numa relação de sincronicidade a questão da correspondência e consonância são fatores importantes, pois, possibilitam uma ação que não necessita da relação de causa e efeito. Assim, a respeito da espiritualidade e a sincronicidade é pensar a vida e perceber que algumas vezes, os fatos e experiências não são lineares. E isso também faz parte de uma questão da espiritualidade. A respeito da sincronicidade, pode se dizer que está relaciona-se com eventos físicos. Jung afirma que,

Aparentemente o primeiro uso de Jung deste termo no sentido de "sincronicidade", ou coincidência plena de significado, como um princípio explanatório de eventos físicos e psíquicos paralelos, iguais em importância e complementares ao princípio de causalidade (JUNG, 1928-1930, p. 126).

Nem todas as ações em nossa vida, conseguimos responder a partir de uma relação de causa e efeito. Algumas vezes, as ações, sentimentos, emoções e até sonhos que

anunciam também uma forma de se relacionar com os outros e consigo mesmo perpassam a experiência do viver.

Os trabalhos nas tendas da espiritualidade formam encontros de vivências grupais que demonstraram o quão é importante para uma relação de conhecimento pessoal e de proximidade e a relação de pertencimento a um grupo fortalecem o eu e o grupo. As experiências grupais potencializam e mobilizam o nosso ser. As juventudes se reconhecem em grupos. A pastoral juvenil marista (PJM) é o espaço para a vivência grupal e um espaço de se trabalhar, contemplar e meditar o sagrado e a vida. As dimensões grupais, no que se trata de estar em grupo, pode ser considerado um espaço em que uma dimensão espiritual esteja presente.

Todas estas questões foram embasando teoricamente a dimensão espiritual e servindo de subsídio para a pesquisa. Ou seja, esta pode aparecer na dor, na perda da fé, nos sonhos, na individuação, nos símbolos, nas imagens arquetípicas e no inconsciente tudo o que se é experienciado pode servir como material simbólico e conteúdos importantes para uma pesquisa. Como por exemplo, os sonhos e a argila foram emergências reveladoras na pesquisa. As imagens e símbolos proporcionaram uma compreensão da espiritualidade dos jovens e como estes a vivenciam. O processo vivido nas tendas possibilitou emoções, sentimentos que anunciaram uma forma de se relacionar com os outros e consigo mesmo.

A questão do que é vivido no cotidiano dos jovens estão ligados nas considerações a respeito da vida e da espiritualidade e de sua experiência. “Quanto mais simbólica a experiência, tanto mais arquetípico o conteúdo” (STEIN, 2020, p. 49). É importante dizer, que estes sujeitos não abordam o tema numa única questão ritualística, no entanto, importante dizer que, isto não significa que estes jovens não consideram importantes a questão da doutrina e do rito como importantes para a fé.

Os participantes da pesquisa trouxeram um rico material, que foi suporte para teorizar de uma forma diferente a pesquisa sobre espiritualidade, possibilitando-me amplificar a temática de como está é percebida na vida. Enfim, me proporcionou um caminho, um conhecimento e em que dimensões da vida, tais como os símbolos e as imagens.

O pensamento simbólico foi importante para a pesquisa, pois este integra o pensamento inconsciente para o consciente, integra imagens, símbolos. Os símbolos nos proporcionam uma busca pela inteireza do ser. “O símbolo nos leva à parte do que falta do homem inteiro. Ela nos coloca em relação com nossa totalidade original e cura nossa divisão, nossa alienação da vida” (EDINGER, 2020, p. 157).

As minhas inquietações a respeito da espiritualidade, da educação e das juventudes e das suas importâncias para a vida humana, continuam presente. Portanto, significa dizer e afirmar que a temática até aqui estudada não se encontra fechada e finalizada, pelo contrário, faz-se necessário, pesquisar, estudar, escrever e pensar a respeito da espiritualidade, da educação e da juventude. Que possamos pesquisar e refletir sobre a espiritualidade levando em consideração as dimensões simbólicas e sensíveis que este tema nos proporciona. Ao mesmo tempo, são temas urgentes e importantes para serem construídos e dialogados dentro da academia.

O trabalho com a educação, a educação marista e a pastoral marista relacionada com as juventudes, de um modo especial as juventudes maristas, foram um suporte metodológico importante para a individuação, e a pesquisa, pois, auxiliaram-me a focar e a densificar a teoria e ao mesmo tempo trazer mais questionamentos. Compreendo que é um recorte, uma sistematização e um pequeno grupo de reflexão que foi criado para a pesquisa, porém, acredito que é a partir de pequenos movimentos que possibilitamos os movimentos de transformação, de individuação e reflexão sobre o projeto de vida, de educação e de uma espiritualidade relacionada com a vida. É um tema desafiador, porém, muito importante e necessário.

Trabalhar com as juventudes, de modo mais específico, as juventudes maristas, ou seja, um determinado grupo, possibilitou-me fazer uma discussão acerca da complexidade, da educação e da espiritualidade, tal como o próprio processo de ser jovem.

Por fim, desejo terminar esta pesquisa armando mais uma tenda da espiritualidade e que o nosso peregrinar na vida, possa ser através de experiências, questionamentos, relações, enfim, de vivências pessoais, grupais e comunitárias. E como questionamento para dar continuidade com a pesquisa, pode se fazer a seguinte pergunta: quais são as

inspirações para uma vivência de uma espiritualidade para com as juventudes do século XXI?

E que esta tenda possa um dia se tornar um espaço de uma aldeia, em que as pessoas possam fazer experiências educativas do ser e da espiritualidade. Encerro as minhas considerações pedindo a vocês, caros leitores que possam ser livres, para cantar, sonhar, e viver em plenitude a sua vida e a vossa espiritualidade.

Finalizo este trabalho com um trecho de um canto, que para mim é muito significativo, que se chama: Coração livre, da Pastoral da Juventude, do álbum fazendo pastoral.

*Eu vejo que a juventude tem muito amor
Carrega a esperança viva no seu cantar
Conhece caminhos novos não tem segredos
Anseia pela justiça e deseja a paz
Mas vejo também a dor da insegurança
Que dói quando é hora certa de decidir
Tem medo de deixar tudo e então se cansa
Diz não ao caminho certo e não é feliz.
Ei! Juventude! Rosto do mundo
Teu dinamismo logo encanta quem te vê
A liberdade aposta tudo
Não perde nada na certeza de vencer. (bis)*

Que possamos falar mais dos nossos sonhos, de quem nós somos, dos nossos projetos de vida, enfim da nossa humanidade com uma atitude sensível e simbólica.

REFERÊNCIAS

BALBINOT, Rodinei. *Educação e gestão em transcendência*. São Paulo: FTD, 2018.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOLEN, Jean Shinoda. *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. São Paulo, Paulus, 2002.

BONHEMBERGER, Marcelo; MENTGES, Manuir. *Educação Marista: perspectivas e desafios*. São Paulo: FTD, 2016.

BRAMBILA, Aureliano. O pensamento do padre Champagnat sobre a educação das crianças. *Cadernos Maristas*, Roma, v. 8, n. 113, n. 1998.

CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável*. Editora Cultrix São Paulo, 2002.

_____. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David. *Pertencendo ao Universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

CREMA, Roberto. *O poder do encontro: origem do cuidado*. São Paulo: Tumiak Produções; Instituto Arapoty; Unipaz, 2017.

_____. Prefácio. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs.). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educs, 2015.

COMISSÃO INTERNACIONAL DA PASTORAL JUVENIL MARISTA. *Evangelizadores entre os jovens: documento de referência para o Instituto Marista*. São Paulo: FTD, 2011.

_____. *Caminho da educação e amadurecimento na fé: a mística da Pastoral Juvenil Marista*. São Paulo: FTD, 2008.

COMITÊ JUVENTUDES DA REDE MARISTA. *Juventudes: nosso jeito de compreender e atuar junto aos jovens contemporâneos*. Porto Alegre: Odisséia, 2016.

SIGNOR, D. *Fenomenologia das emoções: biodança em argila*. Santa Maria: [s.n.], [201-].

DORST, Brigitte. Introdução. In: JUNG, C. G. *Espiritualidade e transcendência*. Petrópolis: Vozes, 2015.

DORNELES, Malvina do Amaral; ARENHALDT, Rafael. Disposições Ético-estético-Afetivas na pesquisa em educação. In: FEITOSA, Débora Alves et al. *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas: UFRB, 2016.

EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Apresentação: da sensibilidade que nos move. In: FEITOSA, Débora Alves et al. *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas: UFRB, 2016.

FRANZ, Marie-Louise Von. *A busca do sentido: entrevistas radiofônicas*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. O processo de Individuação. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016

_____. *O Caminho dos Sonhos Marie-Louise von Franz em conversa com Fraser Boa*. Editora Cultrix. São Paulo. 1996

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Saúde Comunitária Pensar e Fazer*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2008.

GUIMARÃES, Janaína. *A Potência Transformadora na Biodança na Escola: A Educação como um ato de criação*. 2019. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Em torno da mesma mesa: A vocação dos leigos maristas de Champagnat*. CSC GRÁFICA, 2009.

JACOBI, Jolande. Símbolos em uma análise individual. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, Carl Gustav. *Seminários sobre análise de sonhos: Notas do Seminário dado em 1928-1930*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. *O eu e o inconsciente*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

_____. *Símbolos da transformação*. Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

_____. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 1978.

MARTIN, Katheleen. *O livro dos símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas*. Editora Taschen. 2020.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do Instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. Arte-identidade. In: GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Saúde Comunitária Pensar e Fazer*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2008.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; SÍVERES, Luiz. *Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)*. [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

MORAES, Maria Cândida. Da epistemologia da complexidade à docência transdisciplinar. In: DRAVET, Florence; PASQUIER, Florent; COLLADO, Javier; CASTRO, Gustavo de (Orgs). *TRANSDISCIPLINARIDADE e educação do futuro*. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, Universidade Católica de Brasília, 2019.

OLIVEIRA, Clara Costa. Análise e desenvolvimento de conceitos base no GAIA: aprendizagem-educação; complexidade; padrão; narrativa; metáfora. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise; PINTO, Maira Meira (Orgs.). *Viver/conhecer na perspectiva da complexidade: experiências de pesquisa*. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2017.

OLIVEIRA, Clara Costa; ENCARNAÇÃO, Paula. Na rota da espiritualidade: a paz como promotora da saúde. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educus, 2015.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional* - São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. aos jovens e a todo o Povo de Deus. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Revista Psicologia USP* [online]. 2005, vol.16, n.3, p. 71-94. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642005000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 9 mai. 2021.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação de qualidade: perspectivas e desafios. In: BONHEMBERGER, Marcelo; MENTGES, Manuir. *Educação Marista: perspectivas e desafios*. São Paulo: FTD, 2016.

PIMENTEL, Álamo. Prefácio: A sensível na educação. In: FEITOSA, Débora Alves [et al.] *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas: UFRB, 2016.

PINHEIRO, Wellington Duarte; FREITAS, Alexandre Simão de. A pedagogia espiritualista de Rubem Alves como a arte de chegar a ser o que se é: contribuições para pensar o ato criativo como um sentido autêntico de viver numa cultura de paz. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educs, 2015.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Complexidade e invenção de si: rumo a uma integração cósmica. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educs, 2015.

PERONDI, Mauricio. VIEIRA, Patrícia Machado. A construção social do conceito de juventudes. In: PERONDI, Maurício et. al. *Infâncias, adolescências e juventudes nas perspectivas dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p.49-62.

PERONDI, Maurício; RIBEIRO, José Jair; PEREIRA, Francine Ester da Silva. Juventudes: religião e espiritualidade. In: RIBEIRO, José Jair et al (Orgs.). *Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas*. Porto Alegre: Redes Editora, 2014.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Educação, cultura de paz e espiritualidade: uma possibilidade na experiência. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs.). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

REDE MARISTA. *Vivência grupal da PJM: marco operativo*. 3. ed. Porto Alegre: CMC, 2020.

_____. *Do Papa Francisco ao coração dos/as jovens*. Porto Alegre: CMC, 2019.

_____. *Vivência grupal da PJM: marco operativo: 2015-2017*. Porto Alegre: CMC, 2015.

SAMMON, Seán D. Ir. Tornar Jesus Cristo conhecido e amado: a vida apostólica Marista hoje. *Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 31, n. 3, jun. 2006.

SCHERER, Giovane Antonio; PERONDI, Maurício; SILVA, Karen Theline Cardoso dos Santos da. O que é “ser jovem”? Reflexões sobre o conceito de juventudes na perspectiva de jovens universitários. In: RIBEIRO, José Jair et al (Orgs.). *Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas*. Porto Alegre: Redes Editora, 2014.

SÍVERES, Luiz; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. O processo educacional na mística das tendas e caminhos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 684-703, jul./set. 2012.

SOARES, Jane Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane. Biologia do conhecer e conversar liberador: inspirações para práticas precursoras de convivência de paz no ambiente escolar. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane (Orgs.). *Educação e espiritualidade: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul: Educus, 2016.

SOUZA, Ana Célia Rodrigues de. *Depressões - morte e luto: uma abordagem mítico-simbólica*. 2017. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. USP, São Paulo, 2017.

STEIN, Murray. *Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa*. São Paulo: Cultrix, 2020.

_____. *Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. *JUNG - O mapa da alma: Uma Introdução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica*. Brasília: UMBRASIL, 2010.

UMBRASIL. União Marista do Brasil. *Água da rocha: Espiritualidade Marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat*. Editora FTD, 2007.